



Vai na fé! O impacto eleitoral do crescimento dos evangélicos

Paulo Coutinho

pcoutinho@marasset.com.br

marasset.com.br

Raphael Santos

rsantos@marasset.com.br

João Lobo

jlobo@marasset.com.br

Manuela Finch

mfinch@marasset.com.br

16 de janeiro de 2025

O impacto dos evangélicos no cenário eleitoral brasileiro

A avaliação do governo Lula III continua baixa, apesar dos bons indicadores econômicos. A taxa de desemprego se encontra no menor nível, e a inflação não é alta quando comparada à série histórica. Ainda assim, o atual nível de popularidade não seria compatível com uma vitória em uma tentativa de reeleição.

O crescimento da população evangélica tem redesenhado o cenário eleitoral brasileiro. Nossa pesquisa busca entender essa mudança e quantificar sua influência nas avaliações de governos e nos resultados de eleições futuras. Em particular, como ela está por trás da avaliação negativa da atual administração.

Construímos uma série histórica da população evangélica por nível municipal com atualização mensal, utilizando dados de CNPJ da Receita Federal. Nossas estimativas indicam que, até 2026, os evangélicos representarão 36% da população (vs. 32% em 2022 e 22% em 2010).

Observamos uma relação robusta entre a presença de igrejas evangélicas e o perfil de votação. O PT e partidos de esquerda recebem menos votos em municípios com maior presença evangélica. Essa tendência é consistente entre estados e regiões.

O impacto dos evangélicos no cenário eleitoral brasileiro

Os evangélicos explicam boa parte da dicotomia entre os bons resultados econômicos e a baixa avaliação do governo Lula III. Enquanto os não evangélicos avaliam o atual governo de maneira similar ao de Dilma I, os evangélicos o avaliam de forma bem mais negativa.

Em 2022, a conversão de votos entre a população não evangélica em Lula foi a maior da história. Mesmo assumindo que isso se repetisse, o maior número de evangélicos no país já seria suficiente para garantir a vitória de um candidato de direita em 2026.

Os resultados das eleições municipais corroboram essa visão. Criamos um Índice de Posição Política e identificamos uma clara tendência de maior votação em partidos de direita na última década. Esse movimento foi mais intenso nos estados com maior presença evangélica. Ao contrário do senso comum, os dados sugerem uma relação histórica entre eleições municipais e presidenciais.

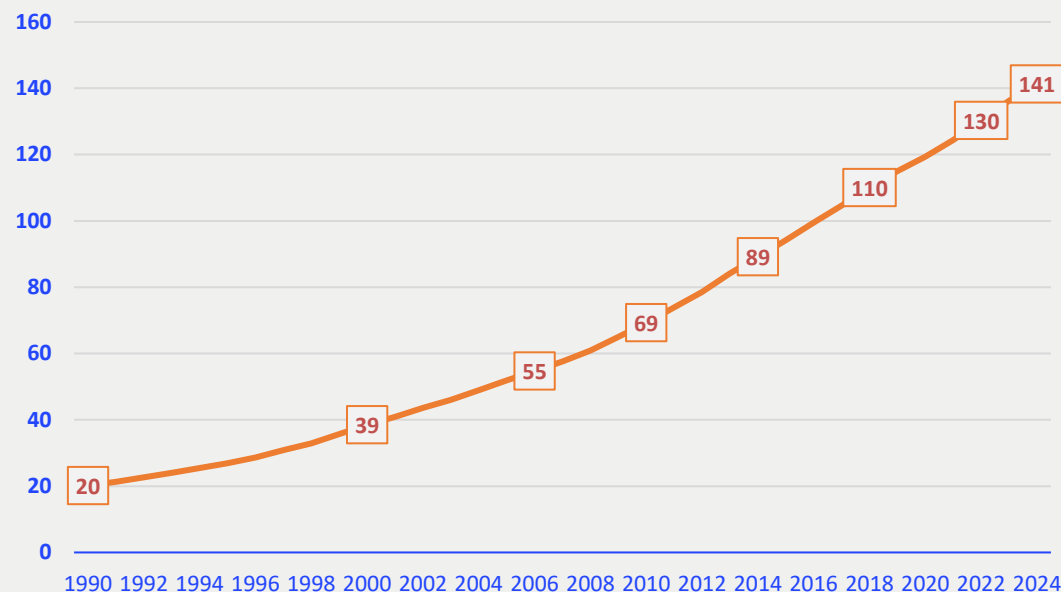
A conjuntura atual já é desfavorável a um candidato de esquerda nas eleições presidenciais de 2026 pela questão social. Nossa expectativa de deterioração das condições econômicas nos dois próximos anos tornaria ainda mais difícil uma vitória do PT, mesmo que o candidato fosse o presidente Lula.

Crescimento da população evangélica

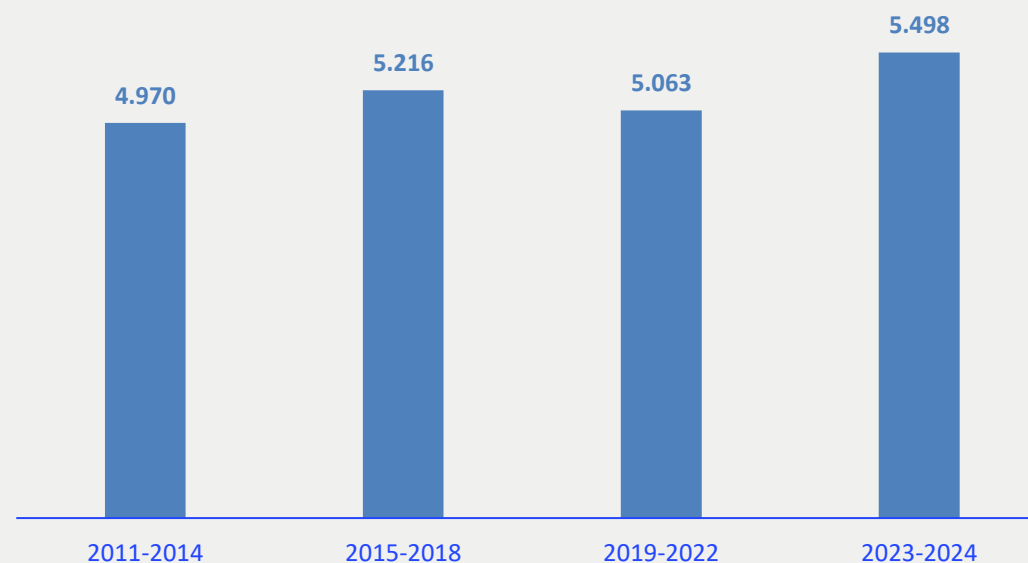
Número de templos evangélicos dobrou na última década

- Entre 2010 e 2024 o número de igrejas de denominação evangélicas com CNPJ ativo dobrou, chegando a mais de **140 mil** templos em 2024.
- O ritmo de expansão permaneceu surpreendentemente constante. Em todos os ciclos presidenciais desde 2010, foram registradas, em média, cerca de 5 mil novas aberturas de templos por ano.

**Número de templos evangélicos entre 1990 e 2024
(em milhares)**



Abertura de novas igrejas evangélicas entre ciclos eleitorais (média anual)

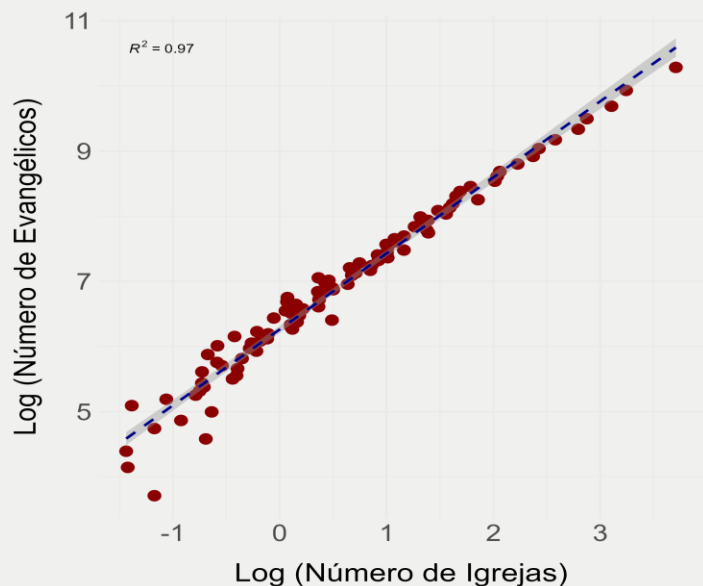


Fonte: Receita Federal, Mar Asset Management

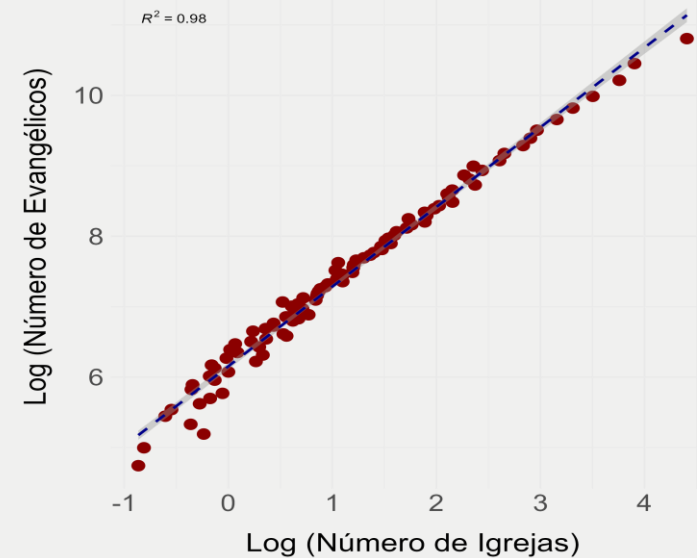
Número de templos é uma boa *proxy* para número de fiéis

- O dado mais recente que mede a população evangélica é o Censo de 2010. Para entendermos o crescimento desse grupo nos anos subsequentes, utilizamos o número de igrejas evangélicas como *proxy*. Existem duas evidências que validam a robustez dessa estimativa:
 - *Cross section*: Ao compararmos a população evangélica estimada pelos Censos de 2000 e 2010 com o número de igrejas em cada município do Brasil, é possível ver uma relação muito próxima – quanto mais igrejas, maior a população de evangélicos.
 - Crescimento entre 2000-2010: Entre 2000 e 2010, a proporção de evangélicos aumentou de 15% para 22% segundo os dados do Censo. No mesmo período o número de igrejas aumentou proporcionalmente, de 21 para 33 por 100 mil habitantes.

População evangélica pelo Censo e número de igrejas evangélicas por município em 2000 (escala log)



População evangélica pelo Censo e número de igrejas evangélicas por município em 2010 (escala log)



Fonte: Receita Federal, IBGE, Mar Asset Management

Projeção da proporção de evangélicos no Brasil

- Embora seja uma boa *proxy*, o número de templos per capita não é exatamente proporcional ao tamanho da população evangélica. Os municípios apresentam tamanhos médios de templos variados. Para contornarmos esse problema, adotamos a seguinte estratégia:
- Utilizamos dados dos Censos de 2000 e 2010 em nível municipal para aplicar uma projeção *bottom-up*, que captura dinâmicas regionais específicas e tendências locais de crescimento. Posteriormente, agregamos essas projeções para construir a estimativa nacional.
- O modelo considera a proporção de evangélicos (P_{mt}^{evg}) como uma função do número de templos por 100 mil habitantes, controlando os efeitos fixos municipais (ϕ_m) e adicionando um termo $\sigma * t$ para capturar tendências de expansão ao longo dos anos.

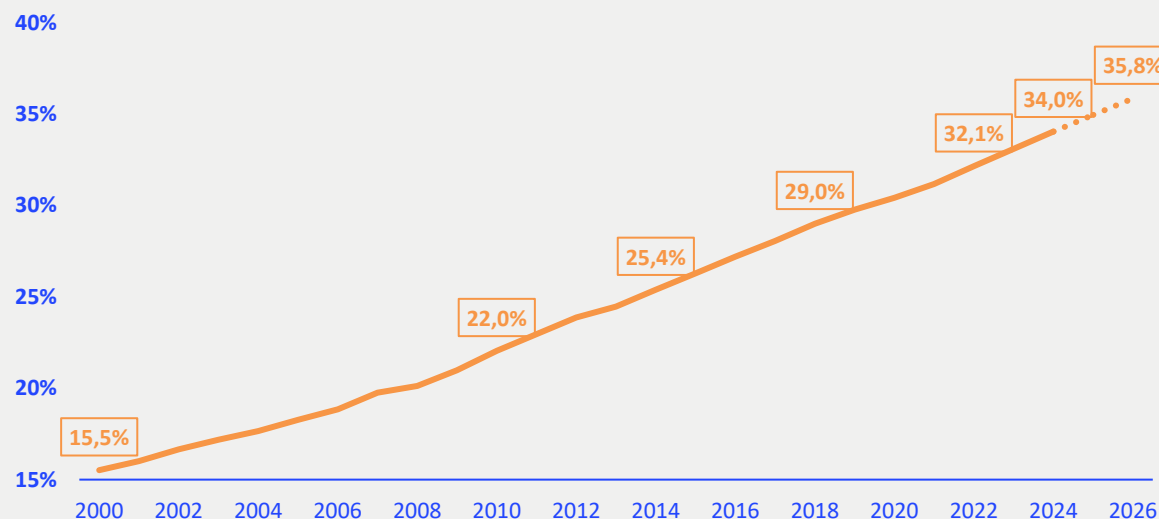
$$P_{mt}^{evg} = \phi_m + \sigma * t + \beta \text{Templos per Cap}_{mt} + \varepsilon_{mt}$$

- Após estimar os parâmetros do modelo, utilizamos os dados da abertura de templos para projetar a proporção de evangélicos $\overline{P_{mt}^{evg}}$ para cada ano entre 2010 e 2026. Para os anos de 2025 e 2026, assumimos crescimento de número de templos iguais a média da última década.

Evangélicos cresceram na maior parte do país

- Utilizando o número de igrejas como *proxy*, estimamos que a proporção da população evangélica aumentará de 22,0% em 2010 para 35,8% em 2026. Alguns estados, como AM e ES, já são majoritariamente evangélicos, segundo nossas estimativas.
- As regiões com maior presença evangélica são as regiões Norte e Centro-Oeste. A Região Nordeste continua sendo a com menor proporção de evangélicos.

Proporção estimada da população evangélica no Brasil entre 2000 – 2026



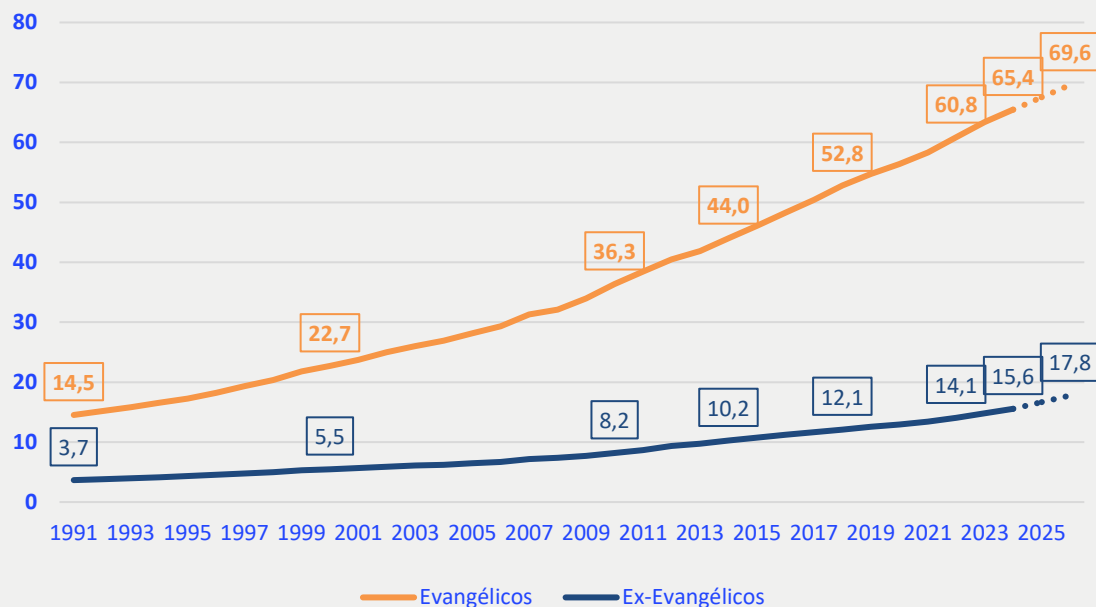
Proporção da população evangélica (% do total)

Região/Estado	2000 (Censo)	2010 (Censo)	2014 (Estimado)	2018 (Estimado)	2022 (Estimado)	2026 (Esperado)
Brasil	15	22	25	29	32	36
Centro-Oeste	19	27	31	34	38	43
DF	20	27	30	34	37	41
GO	20	28	33	37	42	47
MS	18	26	29	32	36	40
MT	17	25	27	30	33	38
Nordeste	10	16	20	24	26	29
AL	9	16	20	22	25	28
BA	11	17	21	25	28	32
CE	8	15	18	20	22	24
MA	11	17	22	27	31	35
PB	9	15	18	22	24	26
PE	14	20	26	30	33	37
PI	6	10	12	14	16	17
RN	9	15	17	19	21	24
SE	7	12	15	17	18	19
Norte	20	29	33	38	42	48
AC	20	33	38	41	46	51
AM	21	31	38	44	50	58
AP	19	28	34	38	43	53
PA	18	27	29	33	38	42
RO	27	34	41	47	52	58
RR	22	30	33	35	36	38
TO	16	23	27	33	36	40
Sudeste	18	25	27	31	34	38
ES	25	33	38	43	47	52
MG	14	20	22	24	26	30
RJ	22	29	35	38	42	46
SP	17	24	27	31	34	37
Sul	15	20	22	25	28	31
PR	17	22	25	30	32	35
RS	14	18	20	22	25	27
SC	15	20	22	24	27	31

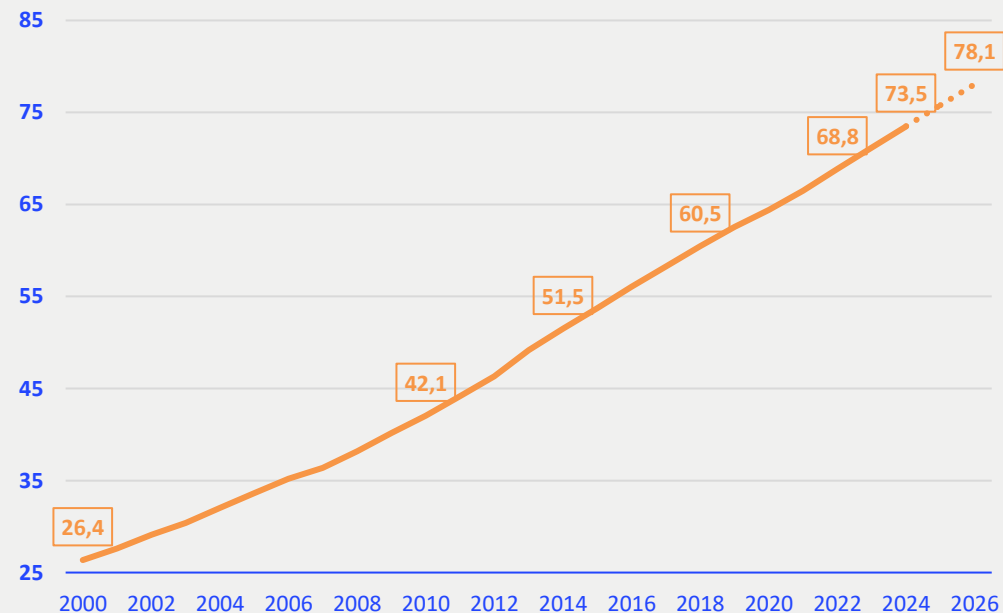
74 milhões de brasileiros eram evangélicos ao final de 2024

- O número de templos por 100 mil habitantes aumentou de 22,7 para 65,4 entre 2000 e 2024. Estimamos que esse número alcance 69,6 na véspera da eleição presidencial de 2026. Os templos que não foram identificados como evangélicos somavam 5,5 por 100 mil habitantes em 2000 e hoje são 15,6. Os templos evangélicos são, em geral, menores do que as igrejas católicas. Isso explica por que há um número tão maior desses templos em comparação os de outras religiões.

Templos religiosos per capita – evangélicos vs. outras religiões (templos/100k habitantes)



População evangélica estimada (em milhões)

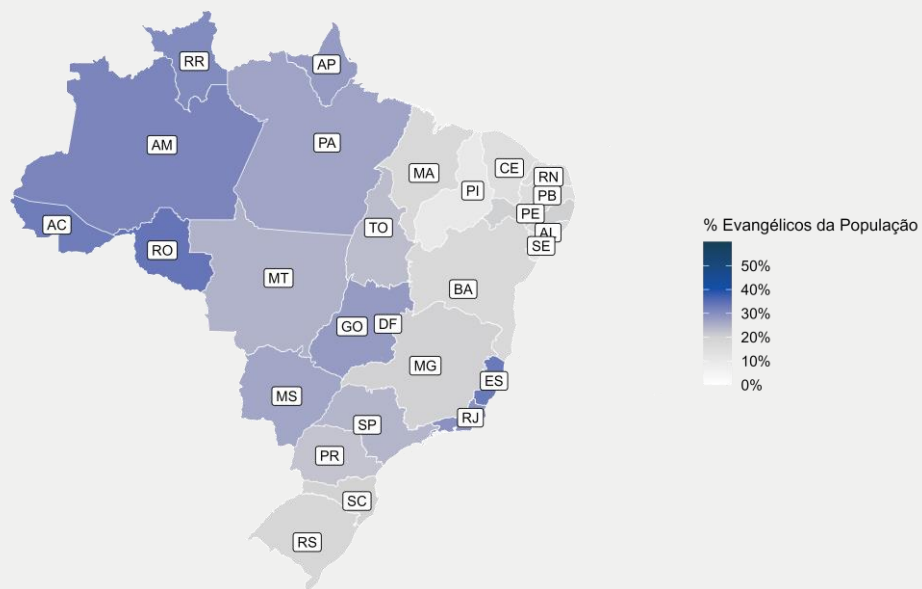


Fonte: Receita Federal, Mar Asset Management

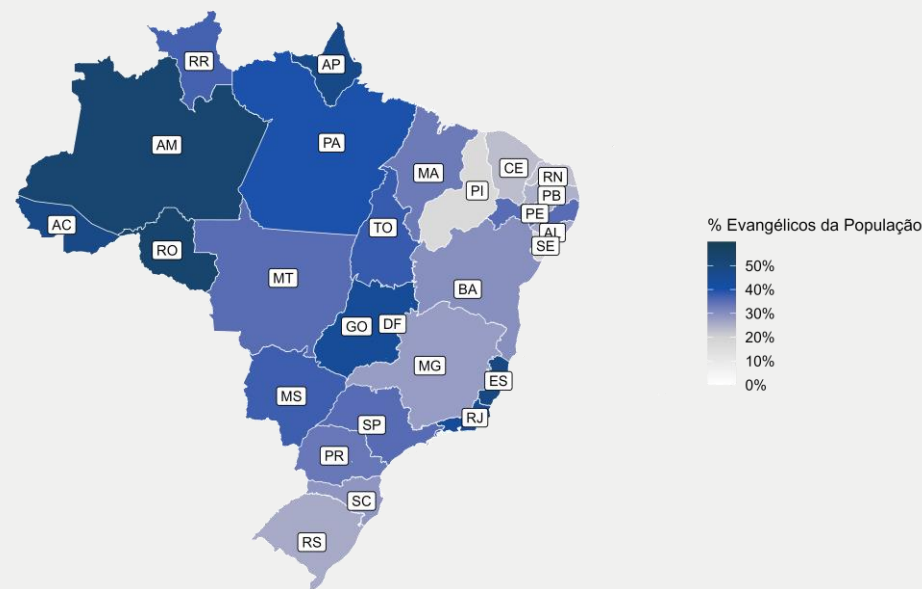
Evangélicos cresceram na maior parte do país

- Em 2010, à época da eleição da presidente Dilma Rousseff, apenas dois estados (ES e RO) tinham mais de 30% de sua população composta por evangélicos. Em 2022, esse número subiu para 18 estados.
- O aumento da proporção de evangélicos foi registrado em todos os estados. De acordo com nossas estimativas, não houve estagnação nem diminuição da proporção de evangélicos em nenhum estado entre ciclos eleitorais.

Proporção estimada da população evangélica por estado (2010)



Proporção estimada da população evangélica por estado (2024)



Quem são os evangélicos no Brasil?

Segmentação das igrejas evangélicas no Brasil

- Embora os evangélicos sejam frequentemente tratados como um bloco uniforme, na realidade apresentam uma ampla diversidade em suas origens, ritos litúrgicos e estruturas organizacionais. Essa heterogeneidade pode ser mais bem compreendida ao agrupá-los em três grandes categorias principais mais homogêneas: as igrejas **missionárias**, **pentecostais** e **neopentecostais**.

Igrejas missionárias

Seguem uma teologia reformada, com foco na salvação pela graça, autoridade da Bíblia (*Sola Scriptura*) e ética cristã protestante tradicional. Caracterizam-se por cultos sóbrios e litúrgicos, com pouca ênfase em manifestações espirituais. Destacam-se pelo trabalho educacional, social e pelo discipulado, voltado à transformação moral e espiritual.

Origem no Brasil: Estabelecidas no século XIX por missionários protestantes, como Ashbel Green Simonton (Presbiteriana) e William Buck Bagby (Batista), vindos dos EUA e Europa, com o objetivo de evangelizar e implementar serviços educacionais e sociais.

Principais denominações e figuras públicas

- **Igreja Presbiteriana:** André Mendonça, Benedita da Silva
- **Igreja Batista:** William Buck Bagby (fundador no Brasil), Marina Silva, Flávio Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Magno Malta, Irmão Lázaro
- **Igreja Metodista**

Igrejas pentecostais

Baseadas no pentecostalismo clássico, destacam o batismo no Espírito Santo, dons espirituais (como cura, profecia e manifestações do Espírito Santo) e santidade pessoal. Os cultos marcados por forte carga emocional, com orações fervorosas, cânticos espontâneos e experiências sobrenaturais. Há um foco na evangelização e na preparação para a volta de Cristo.

Origem no Brasil: Introduzidas no início do século XX, trazidas ao Brasil por missionários estrangeiros influenciados por movimentos pentecostais nos EUA, com destaque para as figuras de William Seymour e Charles Parham.

Principais denominações e figuras públicas

- **Assembleia de Deus:** Silas Malafaia, Sóstenes Cavalcante, Silas Câmara, Marco Feliciano
- **Congregação Cristã no Brasil**
- **Igreja do Evangelho Quadrangular**

Igrejas neopentecostais

Fundamentadas na **Teologia da Prosperidade**, pregam que a fé pode proporcionar bênçãos materiais, saúde e soluções práticas para problemas pessoais. Destacam-se pelo combate espiritual contra forças malignas, uso de rituais simbólicos. Cultos modernos e teatralizados, com forte utilização da mídia e estratégias de marketing.

Origem no Brasil: Surgiram na década de 1970 como desdobramento do pentecostalismo, adaptando-se à modernidade e às demandas urbanas. Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, foi pioneiro ao criar uma abordagem pragmática e empresarial para o crescimento das igrejas.

Principais denominações e figuras públicas

- **Igreja Universal do Reino de Deus:** Edir Macedo (fundador), Marcelo Crivella, Renato Cardoso
- **Igreja Internacional da Graça de Deus:** R. R. Soares (fundador e principal líder)
- **Igreja Mundial do Poder de Deus:** Valdemiro Santiago (fundador e principal líder)

Principais diferenças entre as igrejas evangélicas no Brasil

	Missionárias	Pentecostais	Neopentecostais
Ênfase principal	Enfoque em doutrina e ensino bíblico, com ênfase na salvação pela fé e valores éticos tradicionais.	Ênfase na experiência do Espírito Santo, destacando os dons espirituais, como cura e o falar em línguas.	Ênfase na Teologia da Prosperidade e na batalha espiritual, com destaque para o sucesso financeiro e o combate a forças demoníacas.
Cultos	Cultos sóbrios, litúrgicos, centrados em pregação, oração e no uso de hinos tradicionais.	Cultos emocionais, marcados por orações fervorosas, curas e busca de experiências espirituais intensas.	Cultos dinâmicos e teatralizados, com forte uso de tecnologia e campanhas simbólicas voltadas à atração de fiéis.
Teologia	Doutrina tradicional, com pouca ênfase em manifestações sobrenaturais e maior racionalidade teológica.	Espiritualidade focada no batismo no Espírito Santo, nos dons sobrenaturais e na santidade pessoal.	Teologia pragmática, focada em resultados materiais e espirituais, com menor apego a doutrinas tradicionais.
Estrutura	Estruturas democráticas e descentralizadas, com conselhos que valorizam a autonomia das congregações.	Estrutura hierárquica moderada, preservando autonomia local em muitas denominações.	Modelo corporativo e centralizado, caracterizado por liderança carismática e estratégias empresariais.
Relação com a sociedade	Prioridade na educação, nas obras sociais e na transformação moral, com uma abordagem ética e conservadora.	Impacto social por meio de suporte espiritual e emocional, preservando valores e costumes conservadores.	Engajamento direto na política, com uso intensivo de mídia e foco na expansão institucional.

Fonte: Mar Asset Management

O que é a Teologia da Prosperidade?

- A Teologia da Prosperidade é uma corrente teológica contemporânea que associa a fé em Deus ao sucesso material, à saúde e ao bem-estar físico e emocional. Popularizada a partir do século XX, especialmente nas igrejas neopentecostais, essa teologia defende que bênçãos materiais e espirituais são direitos dos cristãos que exercem sua fé de maneira ativa.
 - **Bênçãos condicionadas à fé e à obediência**
 - Afirma que Deus recompensa a fé com prosperidade financeira, saúde e felicidade ainda em vida.
 - Enfatiza a importância de declarar e acreditar no sucesso como parte da caminhada espiritual.
 - Prosperidade financeira reduz as restrições para a difusão da fé e da religião.
 - **Foco na positividade**
 - Pregação voltada para o sucesso, vitória sobre adversidades e superação de problemas.
 - Discursos motivacionais e promessas de resolução de dificuldades.
 - A pobreza e as doenças seriam maldições que podem ser quebradas através da fé.
 - **Dízimos e ofertas como atos de fé**
 - Ensina que doações financeiras (dízimos e ofertas) são sementes que os fiéis plantam, ativando bênçãos de Deus.
 - As contribuições financeiras são vistas como demonstrações práticas de fé.
 - **Interpretação bíblica com enfoque na prosperidade**
 - Apoia-se em passagens como:
 - Malaquias 3:10: "*Trazei o dízimo todo à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz Jeová dos exércitos, se não vos abrir eu as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção até que não haja mais lugar para a recolherdes*"
 - João 10:10: "*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*"
 - III João 1:2: "*Amado, peço a Deus que prospere em tudo e tenhas saúde, assim como tua alma prospera.*"

Como pensam os evangélicos?

Pew Research Survey – religião na América Latina

- A Pew Research Center, uma ONG apartidária norte-americana reconhecida por suas análises sobre tendências sociais, políticas, religiosas e econômicas, realizou, entre 2013 e 2014, uma pesquisa na América Latina com foco na composição religiosa e no crescimento dos evangélicos na região.
- O estudo também examinou mudanças na prática e no compromisso religioso, crenças, pentecostalismo, atitudes sociais, economia, pobreza, política, religião, ciência e o perfil demográfico dos grupos religiosos, destacando as diferenças entre católicos e evangélicos nesses temas.
- No Brasil, a pesquisa foi conduzida entre 4 de novembro de 2013 e 14 de fevereiro de 2014, por meio de 2000 entrevistas face a face com adultos de 18 anos ou mais. A amostragem foi em múltiplos estágios, estratificada por região, tamanho do município e status socioeconômico, garantindo representatividade de 97% da população adulta, com margem de erro de $\pm 3,8$ pontos percentuais.
- Destacam-se:
 - Conversão religiosa: explora a migração de fiéis entre diferentes religiões, especialmente do catolicismo para o protestantismo.
 - Crenças, compromisso e prática religiosa: examina as principais crenças, como fé em Deus, milagres e interpretação da Bíblia, o nível de devoção, frequência aos cultos e práticas de fé dos entrevistados.
 - Atitudes sociais: avalia percepções sobre moralidade, família, casamento e outras questões sociais.
 - Visões sobre economia e pobreza: aborda opiniões sobre desigualdade, pobreza e soluções econômicas a partir da fé.
 - Visões sobre política: analisa a relação entre religião e política, incluindo o papel da fé em governos e liderança pública.

Pew Research Survey – o crescimento dos evangélicos

- A pesquisa estimou que, ao final de 2013, a população brasileira era composta por 26% de evangélicos (25,4%, segundo o modelo utilizado), 61% de católicos, 8% de pessoas sem afiliação religiosa e 5% pertencentes a outras religiões.
- Entre as conversões religiosas, 17% da população foi criada em outra religião e se converteu ao evangelismo, enquanto 21% foi criada no catolicismo, mas migrou para outra fé.
- Esses dados revelam a relação entre o declínio do catolicismo e o crescimento dos evangélicos, indicando que 75% das pessoas que deixaram o catolicismo passaram a integrar igrejas evangélicas.
- Dentre as razões para conversão estão o estilo do culto (68%), a maior ênfase na moralidade (61%), o fato de terem encontrado uma igreja que oferece mais suporte aos membros (62%) e o desejo de um futuro financeiro melhor (21%).

Afiliação religiosa na população

	Católicos	Protestantes	Sem afiliação	Outros
% População	61	26	8	5

Conversões religiosas

	Católicos			Protestantes			Sem afiliação		
	Entrando	Saindo	Net	Entrando	Saindo	Net	Entrando	Saindo	Net
Saldo de Conversão Religiosa	1	21	-20	17	2	15	5	2	3

Principais motivos para conversão

Por que convertidos ao protestantismo deixaram de ser católicos?	%
Queria um conexão pessoal com Deus	77
Gostou do estilo de culto na nova igreja	68
Queria maior ênfase na moralidade	61
Encontrou uma igreja que ajuda mais os membros	62
Abordagem de um membro da igreja	58
Problemas pessoais	21
Queria um futuro financeiro melhor	21
Casou-se com alguém não católico	9

Pew Research Survey – crenças religiosas

- A pesquisa evidencia diferenças marcantes entre católicos e evangélicos. Os evangélicos destacam-se pela interpretação literal da Bíblia, pela centralidade do Espírito Santo e pelas manifestações carismáticas durante os cultos.
- Entre os evangélicos, 83% acreditam que a Bíblia deve ser interpretada literalmente, uma visão menos comum entre os católicos.
- Manifestações do Espírito Santo, como a fala em línguas, foram relatadas por 52% dos evangélicos, enquanto apenas 10% dos católicos disseram ter presenciado tais eventos.
- Durante os cultos, 78% dos evangélicos relataram observar outros fiéis demonstrando entusiasmo, como gritos, pulos e movimentos, um dado que se relaciona diretamente com o apelo emocional dos cultos e a migração de ex-católicos para o evangelismo.
- Quase metade dos evangélicos (42%) acredita que sua fé é a única verdadeira e capaz de levar à vida eterna, uma proporção que é o dobro da observada entre católicos.

Crenças religiosas

Perguntas	Protestantes	Católicos	Diferença
A Bíblia como a palavra literal de Deus (% que dizem que a Bíblia é a palavra de Deus e deve ser interpretada literalmente)	83	67	16
Crença no inferno (% que dizem acreditar no inferno)	82	69	13
Pulando, gritando, aplaudindo e levantando as mãos na igreja (% de frequentadores de igreja que dizem ver outros fiéis demonstrando esses sinais de entusiasmo durante eventos)	78	55	23
Segunda vinda de Jesus (% que dizem que Jesus retornará durante sua vida)	74	55	19
Dons do Espírito Santo (% que relatam altos níveis de experiência com os "dons do Espírito Santo")	52	10	42
Um caminho para a vida eterna? (% que dizem que sua fé é a única fé verdadeira que pode levar à vida eterna entre...)	42	21	21

Pew Research Survey – aspectos sociais e costumes

- As pautas sociais dos evangélicos incluem a defesa da família, oposição ao aborto, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, ao divórcio e ao consumo de álcool.
- 83% dos evangélicos consideram o comportamento homossexual moralmente errado, frente a 56% dos católicos. Além disso, 66% dos evangélicos se opõem à legalização do casamento homoafetivo, contra 43% dos católicos.
- Mais de 80% de ambos os grupos rejeitam o aborto moralmente, mas 84% dos evangélicos defendem sua ilegalidade em quase todos os casos.
- Os evangélicos também apresentam posições mais rígidas do que os católicos sobre sexo fora do casamento, divórcio e consumo de álcool.

Aspectos sociais

Perguntas	Protestantes	Católicos	Diferença
A maioria diz que o aborto é moralmente errado (% que dizem que o aborto é moralmente errado)	88	80	8
Mais protestantes do que católicos são contra o aborto (% que dizem que o aborto deveria ser ilegal em todos ou na maioria dos casos entre...)	84	76	8
Mais protestantes do que católicos dizem que a homossexualidade é moralmente errada (% que dizem que o comportamento homossexual é moralmente errado)	83	57	26
Protestantes fortemente opostos ao sexo fora do casamento (% que dizem que o sexo fora do casamento é moralmente errado)	76	44	32
As esposas devem obedecer aos maridos? (% que concordam completamente/majoritariamente que as esposas têm a obrigação de obedecer aos maridos)	76	62	14
Protestantes levantam fortes objeções ao consumo de álcool (% que dizem que beber álcool é moralmente errado)	74	47	27
Protestantes, católicos e casamento entre pessoas do mesmo sexo (% que se opõem ao casamento gay legal entre...)	66	43	23
Mais protestantes do que católicos dizem que o divórcio é moralmente errado (% que dizem que o divórcio é moralmente errado)	39	17	22

Pew Research Survey – política social

- Apenas 16% dos evangélicos veem o governo como responsável pelos necessitados, refletindo a teoria da prosperidade, que valoriza a fé e o esforço individual para superar dificuldades.
- 46% dos evangélicos acreditam que a melhor forma de ajudar os pobres é levando-os a Cristo, enquanto a maioria dos católicos prefere a caridade direta.
- Ainda assim, os evangélicos demonstram maior participação em ações comunitárias do que os católicos, reforçando o fato de que 62% dos convertidos identificam o suporte da igreja como um motivo relevante para sua conversão.
- Enquanto apenas 35% dos católicos acredita que a sua igreja ajuda pessoas a encontrar empregos, 56% dos evangélicos compartilham dessa opinião, evidenciando o forte senso de comunidade entre eles.

Política social

Protestantes enfatizam o Evangelismo, Católicos enfatizam obras de caridade como o meio mais importante de ajudar os pobres (% entre Católicos/Protestantes que dizem que a maneira mais importante de os Cristãos ajudarem os pobres é...)			
	Católicos	Protestantes	Diferença
Levar os pobres e necessitados a Cristo	27	46	-19
Realizar trabalho de caridade para os pobres	46	37	9
Incentivar o governo a proteger os pobres	25	16	9

Mais Protestantes dizem que sua igreja evangeliza e ajuda as pessoas a encontrar empregos (% de frequentadores de igreja Católicos/Protestantes que dizem que sua igreja local ou casa de culto...)			
	Católicos	Protestantes	Diferença
Levar os pobres e necessitados a Cristo	66	93	-27
Ajuda as pessoas a encontrar empregos	35	56	-21
Tenta incentivar o governo a proteger os pobres	33	42	-9

Organização e expansão da comunidade evangélica

- A comunidade evangélica é bastante organizada e moderna em sua estruturação. Um exemplo disso é a existência de negócios especializados na construção de igrejas a preços acessíveis, o que reflete a eficiência e a agilidade desse segmento em promover sua expansão.



A relação da religião com a política

- A religião exerce uma influência significativa na política, especialmente entre os evangélicos. Esse grupo mostra maior predisposição para considerar a opinião de seus líderes religiosos e os valores da fé ao tomar decisões de voto nas urnas e, dentro do Congresso, apoio à medidas legislativas.
- Essa conexão reflete o papel central da religião na formação de suas escolhas e preferências eleitorais, nos auxiliando a compreender o porquê de as avaliações presidenciais serem tão diferentes entre o grupo de evangélicos e de não evangélicos, como veremos a seguir.

A influência da religião na política – católicos vs. evangélicos

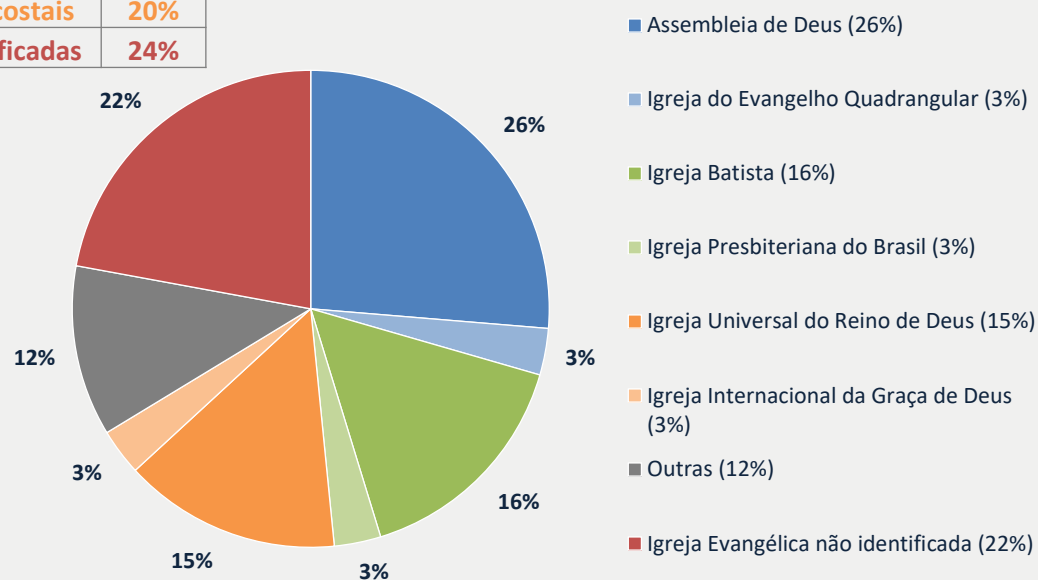
	Católicos	Evangélicos
Costuma levar em consideração a opinião de líderes de sua Igreja que fazem campanhas para políticos.	10%	23%
Os valores religiosos devem ter muita / um pouco de influência nas decisões políticas do país.	46%	55%
A igreja que você frequenta possui ensinamentos ou recomendações sobre dar preferência a pessoas religiosas nas eleições para cargos públicos.	14%	31%

Frente Parlamentar Evangélica no Congresso

- Com uma base consolidada e influente no Congresso Nacional, a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) reafirmou sua coesão na atual 57ª legislatura, com 246 assinaturas válidas no requerimento de validação, incluindo 220 deputados federais e 26 senadores. Ao longo de sua história, a bancada nunca realizou votações para definir suas lideranças, mantendo sua unidade como uma das bancadas mais alinhadas ideologicamente, com forte capacidade de articulação e força em suas pautas prioritárias.

Composição da Bancada Evangélica por Denominação

Missionárias	22%
Pentecostais	34%
Neopentecostais	20%
Não identificadas	24%



Principais lideranças e membros da FPE no Congresso

	Nome	Função	Partido/Estado
Câmara	Silas Câmara	Presidente	Republicanos/AM
	Eli Borges	Presidente	PL/TO
	Otoni de Paula	Membro	MDB/RJ
	Gilberto Nascimento	Membro	PSD/SP
	Sóstenes Cavalcante	Membro	PL/RJ
	Cezinha de Madureira	Membro	PSD/SP
	Pastor Eurico	Membro	PL/PE
	Pastor Marco Feliciano	Membro	PL/SP
	Eduardo Bolsonaro	Membro	PL/SP
Senado	Carlos Viana	Presidente	Podemos/MG
	Dameres Alves	Vice-presidente	Republicanos/DF
	Zequinha Marinho	Tesoureiro	Podemos/PA
	Alan Rick	Secretário	União/AC
	Magno Malta	1o Suplente	PL/ES
	Eduardo Girão	2o Suplente	Novo/CE
	Davi Alcolumbre	Membro	União/AP
	Flavio Bolsonaro	Membro	PL/RJ

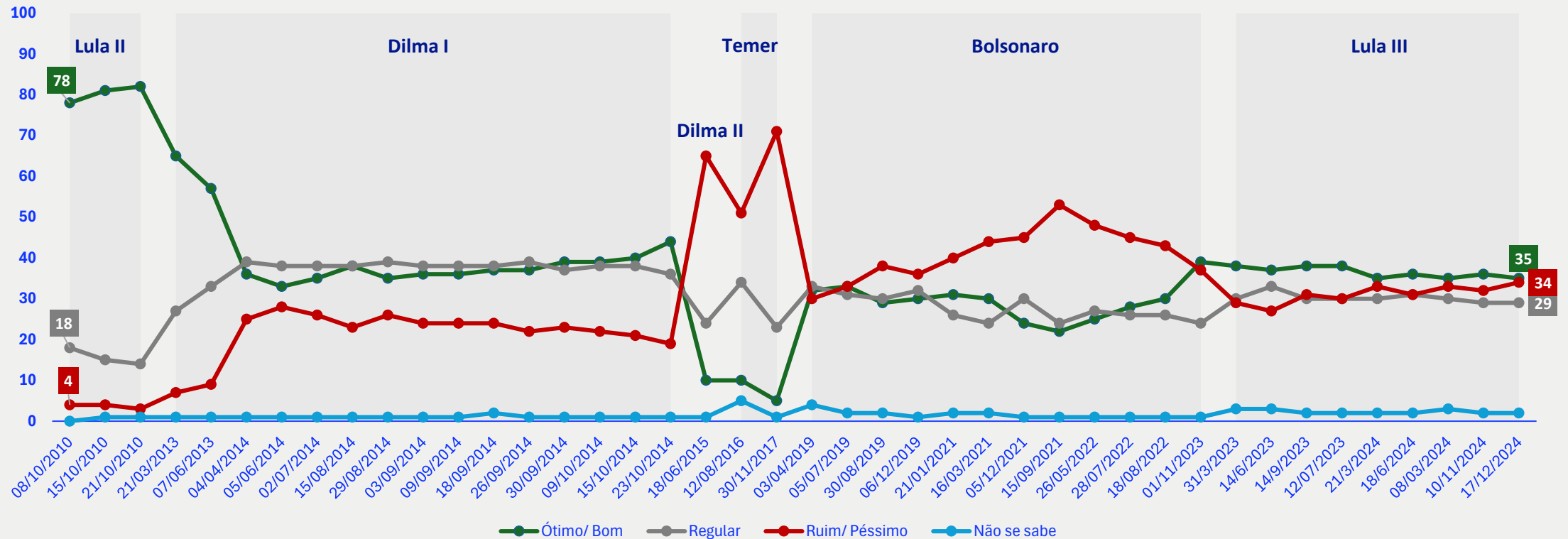
Fonte: Congresso Nacional, Mar Asset Management

Avaliação do governo – por que tão baixa?

Avaliação do governo e intenção de votos para presidente

- As pesquisas eleitorais não são divulgadas com uma frequência relevante. Além disso, as pesquisas não são consistentes quando feitas muito tempo antes do período eleitoral, já que o engajamento dos eleitores e o conhecimento de potenciais candidatos ainda são baixos. Para termos uma medida em tempo real, utilizamos as pesquisas de avaliação presidencial, que oscilam bem menos ao longo do tempo.

Avaliação de governo (%)

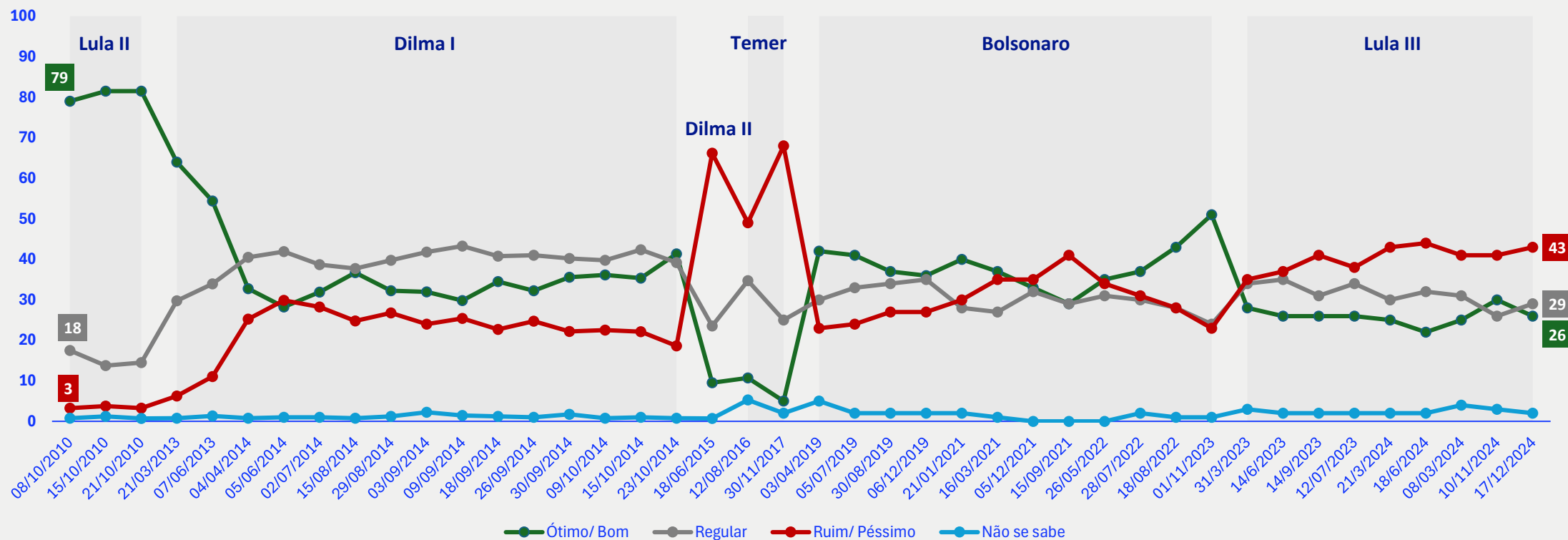


Fonte: Datafolha, Mar Asset Management

Avaliação do governo – evangélicos

- Algumas pesquisas dividem a avaliação presidencial de acordo com a religião dos respondentes. A avaliação do governo Lula III entre os evangélicos é, via de regra, pior do que a média total da amostra. Com exceção de Dilma II e Temer, Lula III tem o menor nível de avaliação dentre a população evangélica. A avaliação negativa entre esse segmento é de 43% dos respondentes, segundo a pesquisa Datafolha de dezembro.

Avaliação de governo – evangélicos (%)

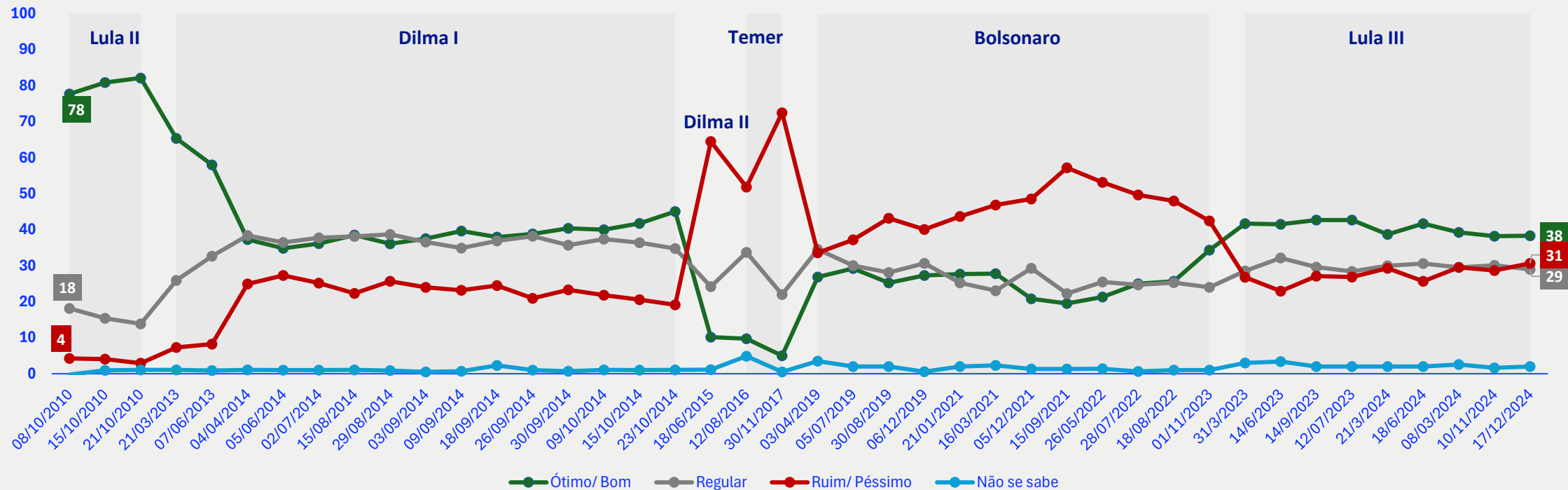


Fonte: Datafolha, Mar Asset Management

Avaliação do governo – outras/sem religião

- Mesmo dentre os não evangélicos, Lula não consegue repetir a avaliação positiva dos seus mandatos anteriores. A sua avaliação atual é parecida com a de Dilma entre 2013-2014 nesse segmento da sociedade. Esse nível foi suficiente para Dilma vencer a eleição de 2014, mas em uma época em que a rejeição entre os evangélicos era muito menor.
- Alternativamente, o grupo dos não evangélicos avaliava mal o governo Bolsonaro. Seu nível de rejeição só foi superado por Dilma II e pelo ex-presidente Temer. A alta rejeição nesse grupo foi o que o fez perder a eleição em 2022.

Avaliação de governo – outras/sem religião (%)

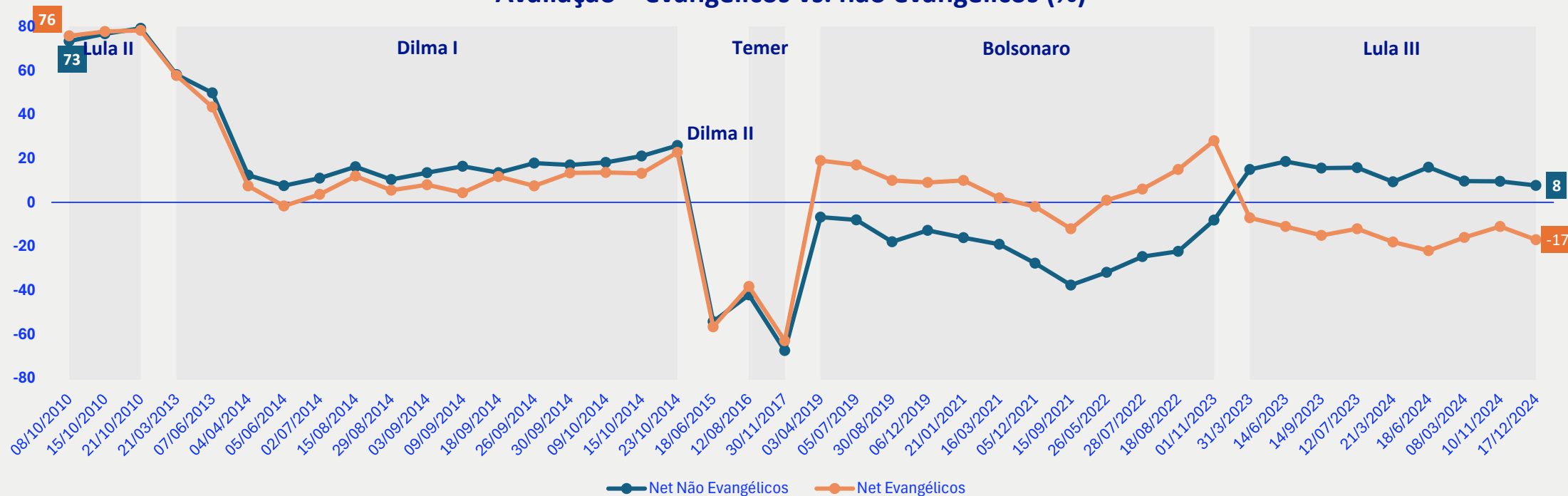


Fonte: Datafolha, Mar Asset Management

A divisão entre religiões começou em 2018

- A ascensão da pauta de costumes como protagonista nas discussões sobre eleições presidenciais a partir de 2018 tornou o recorte religioso bastante significativo para entendermos o padrão do voto nas eleições. Isso fica claro quando comparamos a avaliação presidencial.
- Até 2017, a avaliação líquida – medida entre a diferença de ótimo/bom com ruim/péssimo – era muito parecida entre evangélicos e não evangélicos. Isso mudou quando os evangélicos passaram a avaliar de maneira bem mais positiva o governo Bolsonaro e, negativamente, o governo Lula. Essa diferença vai em linha com as pesquisas de intenção de voto, que mostraram uma diferença bem grande nas eleições a partir de 2018 no estrato religioso.

Avaliação – evangélicos vs. não evangélicos (%)

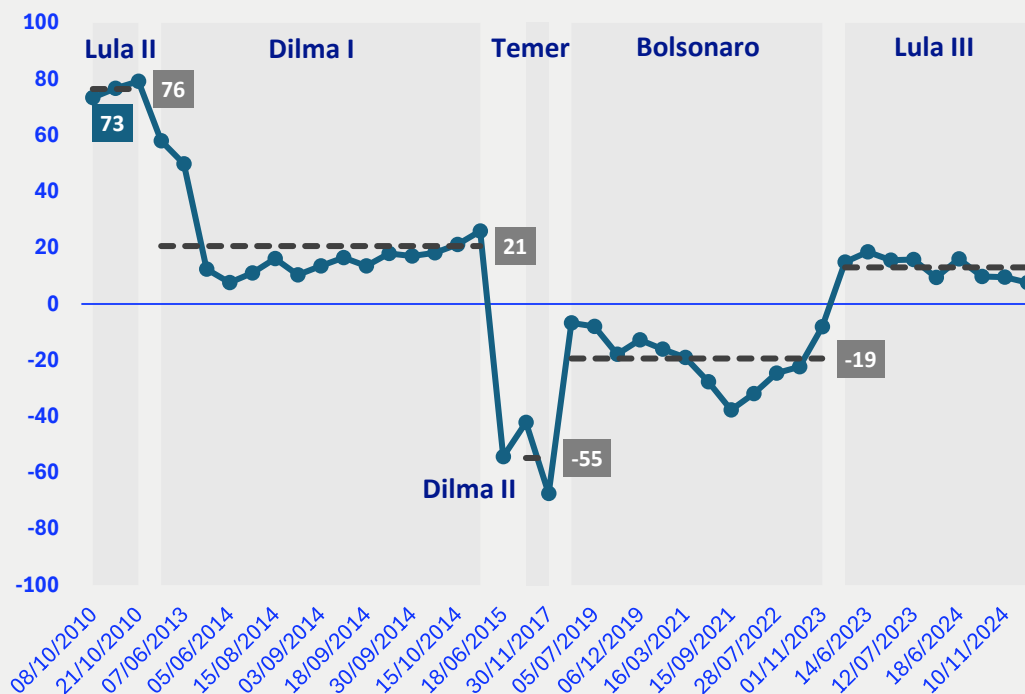


Fonte: Datafolha, Mar Asset Management

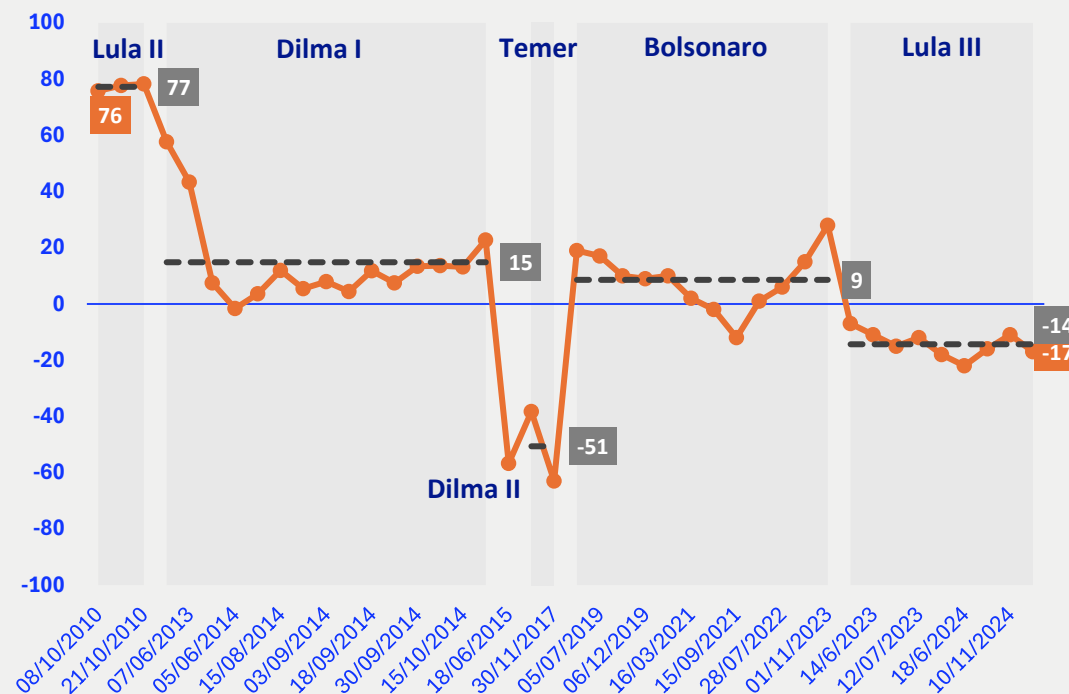
Avaliação líquida de Lula III entre evangélicos é negativa

- A aprovação líquida do governo Lula III entre o segmento não evangélico é muito parecida com a observada durante o governo Dilma I. O nível de 8pp da última pesquisa Datafolha (dez/24) é muito parecido com o que Dilma tinha em seu quarto ano de mandato.
- Entre os evangélicos, Lula tem uma avaliação cerca de 25pp inferior à de Dilma I e Bolsonaro. Dilma conseguiu se eleger contando com o apoio desse segmento da sociedade. Lula não parece contar com o apoio dos evangélicos, que, em 2026, representarão 36% da população, contra 26% em 2014.

Avaliação líquida – não evangélicos (pp)



Avaliação líquida – evangélicos (pp)

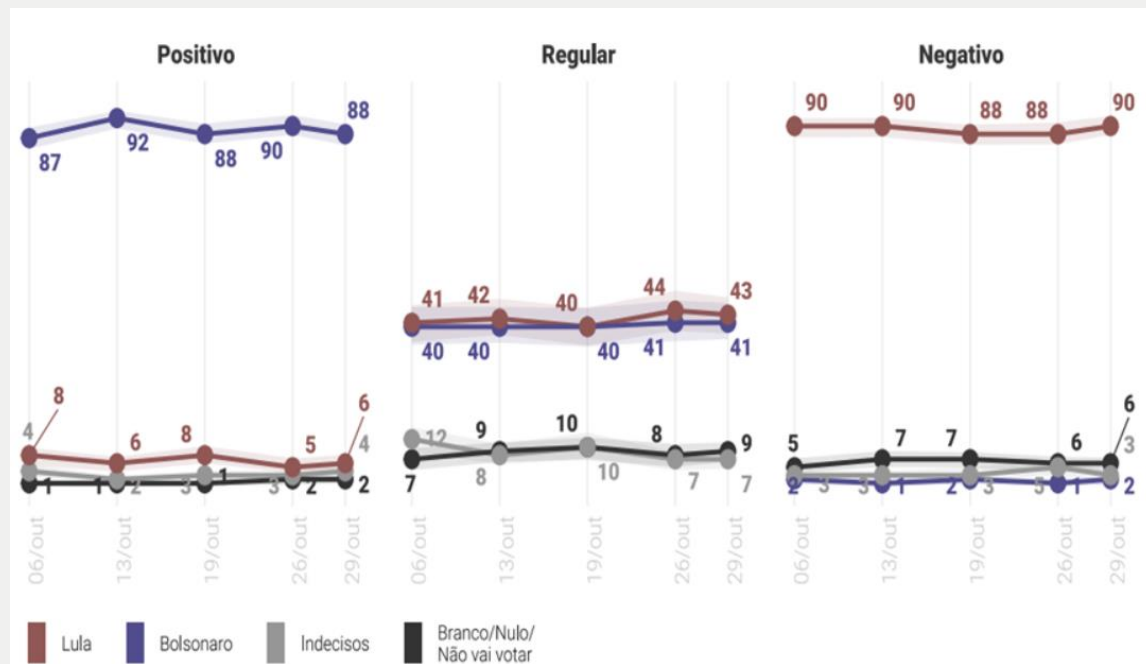


Fonte: Datafolha, Mar Asset Management

Relação muito próxima entre avaliação e intenção de voto

- A maior parte das pesquisas divide os eleitores em grupos de acordo com as avaliações do governo incumbente (positivo, regular ou negativo). A avaliação foi um bom preditor para resultados de eleições passadas quando o incumbente concorre à reeleição. Por exemplo, a pesquisa Genial/Quaest 2022 mostrava que cerca de 90% das pessoas que avaliavam o governo positivamente declaravam voto em Bolsonaro às vésperas do segundo turno. O inverso era verdadeiro entre as que tinham avaliação negativa – 90% declaravam voto em Lula.

Intenção de voto como função da avaliação do governo Bolsonaro nas eleições de 2022 (%)



Intenção de voto como função da avaliação do governo Dilma nas eleições de 2014 (%)

P.1 No dia 26 de outubro haverá o segundo turno das eleições para presidente da República.
Se o segundo turno da eleição fosse hoje, em quem você votaria:
(Resposta estimulada e única, em %)

	TOTAL	AVALIAÇÃO DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF		
		Ótimo/ Bom	Regular	Ruim/ Péssimo
INTENÇÃO DE VOTO PRESIDENTE				
Dilma (PT)	48	81	31	2
Aécio Neves (PSDB)	42	13	55	86
Não sabe	5	4	7	3
Em branco/ nulo/ nenhum	5	2	6	9
Total em %	100	100	100	100
Base ponderada	9910	4389	3524	1920
Total Nos. absolutos	9910	4295	3573	1967

Projeto: PO3775
Base: Total da amostra
Data do campo: 22 e 23/10/2014

Avaliação atual é abaixo da necessária para vencer eleição 1

- Pesquisas realizadas às vésperas do segundo turno nos permitem criar uma matriz de conversão de avaliação do governo incumbente e declaração de voto nas eleições de 2006, 2014 e 2022.
- Por exemplo, em 2006, de acordo com a pesquisa na véspera da eleição realizada pelo Datafolha, 87% das pessoas que avaliavam o governo como ótimo/bom declaravam voto no incumbente (Lula), enquanto 13% declaravam voto no adversário (Alckmin).
- Em 2014, apenas 81% declaravam voto no incumbente (Dilma) versus 13% no adversário (Aécio). Além de uma taxa de conversão menor, a avaliação do governo Dilma I era inferior à de Lula I. Por isso, a eleição de 2014 foi bem mais competitiva do que a de 2006.
- A maior taxa de conversão de votos foi a de Bolsonaro em 2022, seguido de Lula em 2006 e Dilma em 2014. Ou seja, para um mesmo grau de avaliação do governo, Bolsonaro era capaz de angariar mais votos.
- Em 2022, 88% das pessoas que avaliavam o governo como ótimo ou bom decidiram votar em Bolsonaro, de acordo com a pesquisa Quaest. A maior diferença, no entanto, foi na capacidade de converter quem avaliava o governo como regular apenas. Provavelmente, pelo maior grau de rejeição aos dois candidatos em 2022, a escolha ficou entre o “menos pior” para um segmento maior da sociedade.

Avaliação do governo na véspera de eleição e intenção de voto (%)

Avaliação do governo			
	Lula 2006 (Datafolha)	Dilma 2014 (Datafolha)	Bolsonaro 2022 (Quaest)
Ótimo/bom	52	44	37
Regular	34	36	26
Ruim/péssimo	14	19	35

Matriz conversão incumbente			
	Lula 2006 (Datafolha)	Dilma 2014 (Datafolha)	Bolsonaro 2022 (Quaest)
Ótimo/bom	87	81	88
Regular	32	31	41
Ruim/péssimo	4	2	2

Matriz conversão adversário			
	Lula 2006 (Datafolha)	Dilma 2014 (Datafolha)	Bolsonaro 2022 (Quaest)
Ótimo/bom	13	13	6
Regular	62	55	43
Ruim/péssimo	60	86	90

Votos totais			
	Lula 2006	Dilma 2014	Bolsonaro 2022
Incumbente	56.6	47.2	43.9
Adversário	36.2	41.9	44.9

Votos válidos			
	Lula 2006	Dilma 2014	Bolsonaro 2022
Incumbente	61	53	49
Adversário	39	47	51

Avaliação atual é abaixo da necessária para vencer eleição 2

- A partir das matrizes de conversão da popularidade em votos, podemos simular qual seria a performance de Lula em uma eventual reeleição para diferentes níveis de popularidade e diferentes hipóteses de conversão de votos.
- Por exemplo, a pesquisa Quaest de dez/2024 sugere que a avaliação do governo não seria compatível com a vitória de Lula, quaisquer que fossem as conversões de votos (Lula em 2006, Dilma em 2014 ou Bolsonaro em 2022).
- A combinação dos resultados das mais recentes pesquisas de avaliação do governo de diversos institutos com as matrizes de conversão não aponta para a vitória de Lula. A única possibilidade seria uma taxa de conversão igual à de Lula em 2006 com a avaliação de governo indicada pela pesquisa Atlas.
- As eleições seriam bem competitivas na maior parte dos cenários simulados. O maior problema para Lula seria no caso de uma taxa de conversão baixa, como a que Dilma obteve em 2014.
- Em nossa visão, essa conversão está relacionada ao perfil do adversário no segundo turno. Caso seja um opositor mais alinhado ao extremo oposto, a taxa de conversão tende a ser maior.

Simulações para votos na eleição presidencial com base na avaliação do governo (%)

Avaliação do governo Lula na pesquisa mais recente por instituto

	(Quaest)	(Datafolha)	(Paraná)	(IPEC)	(Atlas)
Ótimo/bom	33	35	34	34	41
Regular	34	29	23	30	13
Ruim/péssimo	31	34	43	34	45

Lula - votos válidos

Pesquisa/Conversão	Lula 2006	Dilma 2014	Bolsonaro 2022
Datafolha	49	43	49
Quaest	48	43	49
Paraná	46	40	44
IPEC	48	43	49
Atlas	51	43	47

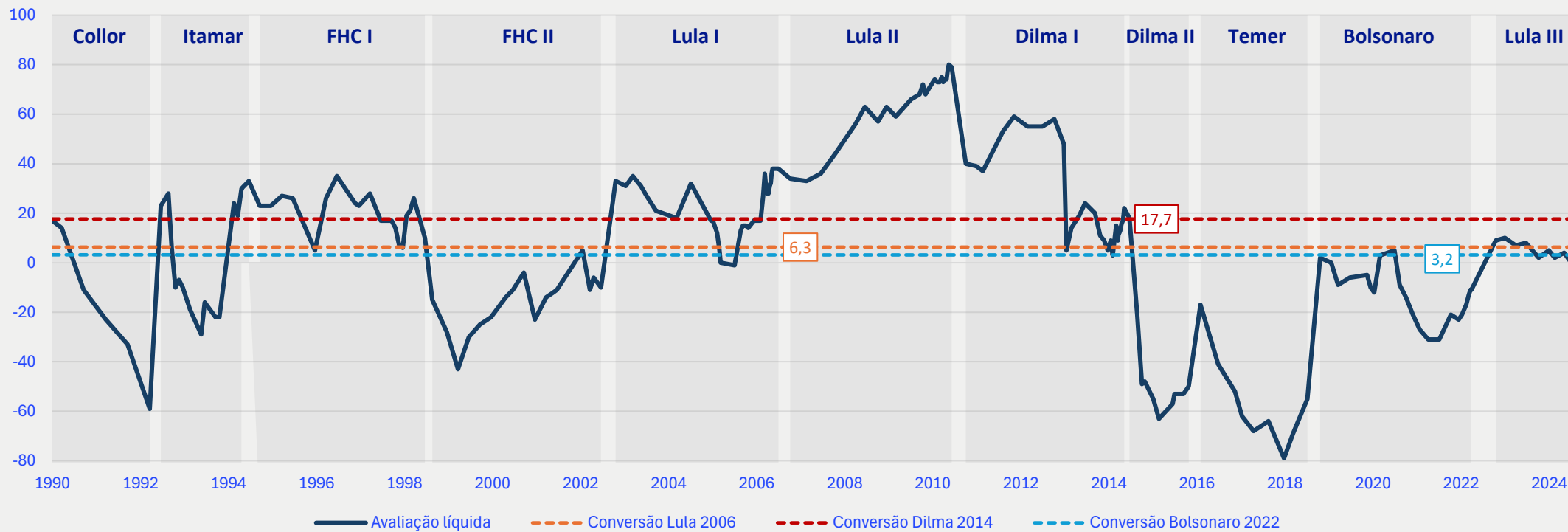
Adversário - voto válidos

Pesquisa/Conversão	Lula 2006	Dilma 2014	Bolsonaro 2022
Datafolha	51	57	51
Quaest	52	57	51
Paraná	54	60	56
IPEC	52	57	51
Atlas	49	57	53

Avaliação atual é abaixo da necessária para vencer eleição 3

- A avaliação do governo Lula vem mostrando uma piora consistente desde a primeira pesquisa. O atual nível da avaliação líquida não seria compatível com a sua reeleição. Em tese, o movimento seria relativamente reversível, dado que o nível atual não está muito distante do necessário para vencer a eleição caso a conversão seja parecida com o que Lula obteve em 2006 ou Bolsonaro em 2022. O desafio é que essa piora da avaliação ocorreu em meio a um cenário econômico bastante benigno, e não é claro o que poderia levar à sua reversão.

Avaliação líquida corrente e mínima para vencer eleição (pp)

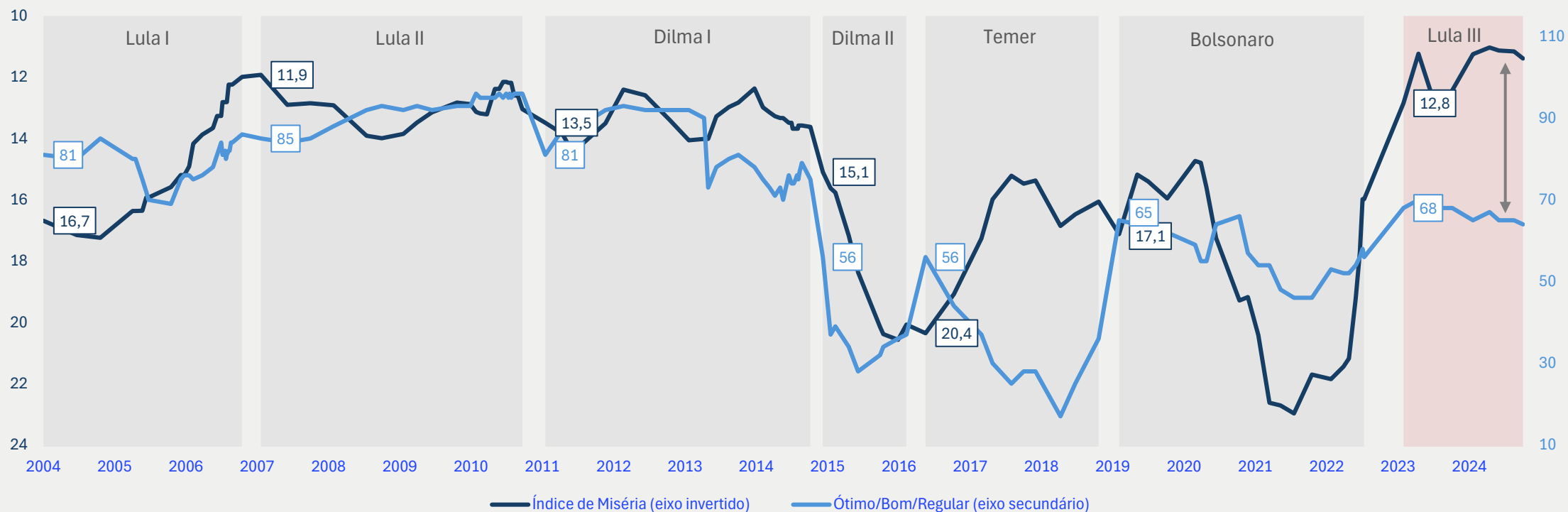


Fonte: Datafolha, Mar Asset Management

Avaliação de Lula III não seguiu melhora da economia

- A avaliação do governo Lula não parece responder à melhora dos indicadores econômicos. A taxa de desemprego, em 6,5%, é a menor da série, e a inflação IPCA de 4,9% YoY não é alta quando comparada a padrões históricos. O índice de miséria (desemprego + inflação) está no menor nível da história e, mesmo assim, a avaliação segue em uma lenta trajetória de declínio desde o início do governo Lula.

Índice de miséria e avaliação ótimo/bom/regular do governo presidencial

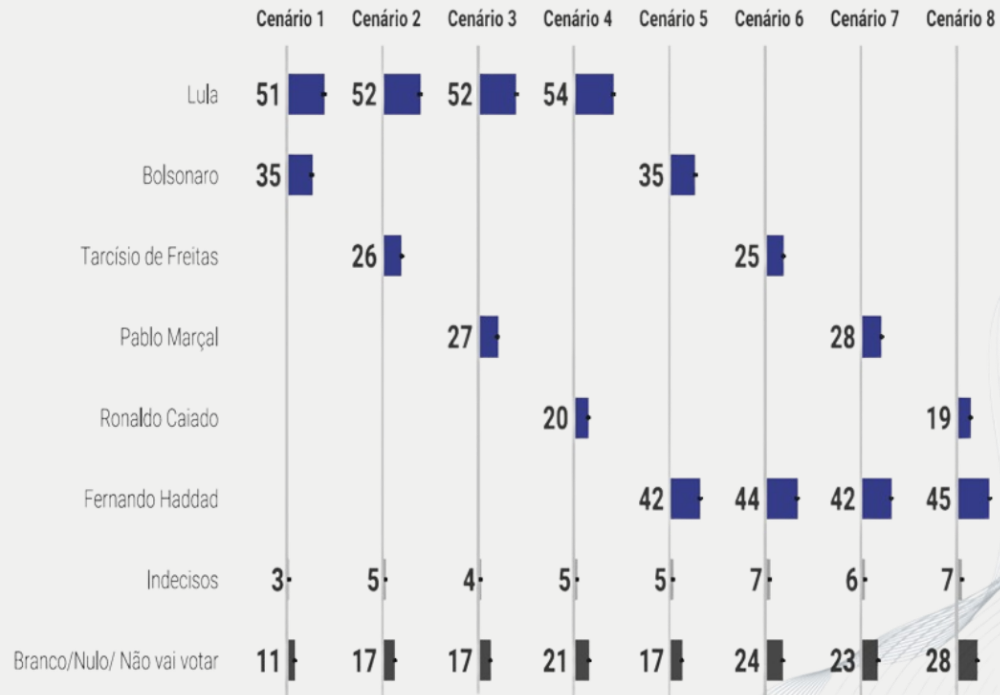


Fonte: Datafolha, IBGE, Mar Asset Management

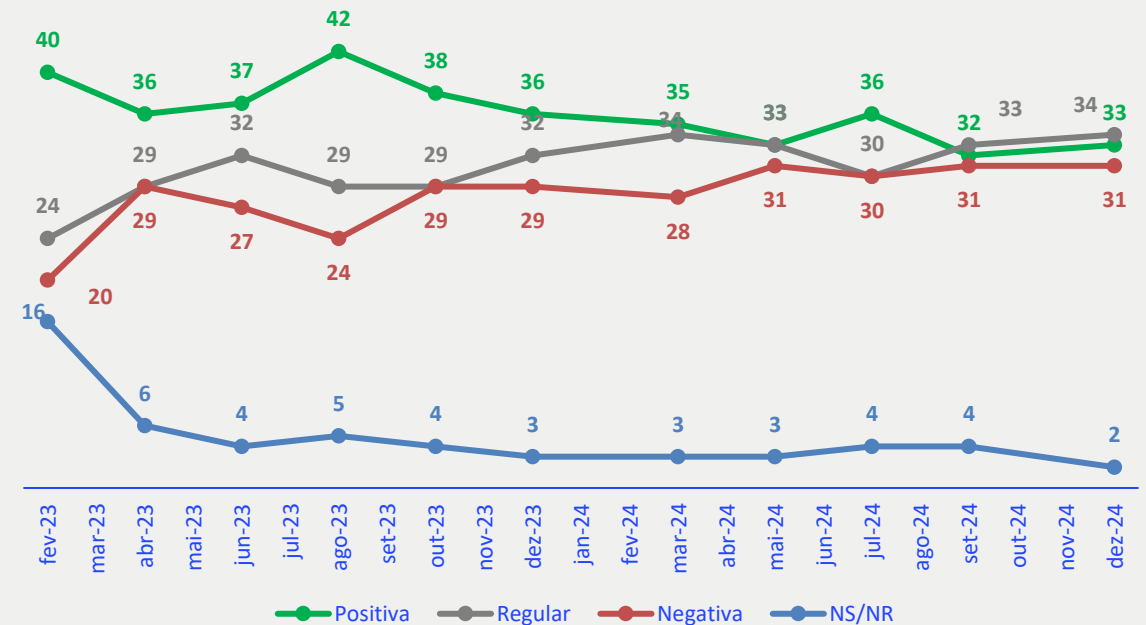
Viés de pesquisa eleitoral feita muito cedo – o caso de 2022

- Em dezembro de 2024, a Quaest publicou uma pesquisa mostrando Lula à frente de todos os outros candidatos com mais de 50% dos votos na pesquisa estimulada. No entanto, a avaliação do governo divulgada na mesma pesquisa seria compatível com uma eleição muito mais apertada, com Lula ficando até atrás do adversário para qualquer matriz de conversão que utilizássemos (Slide 30).

Intenção de voto para Presidente – 2º turno | Cenários estimulados



Avaliação geral do Governo Lula

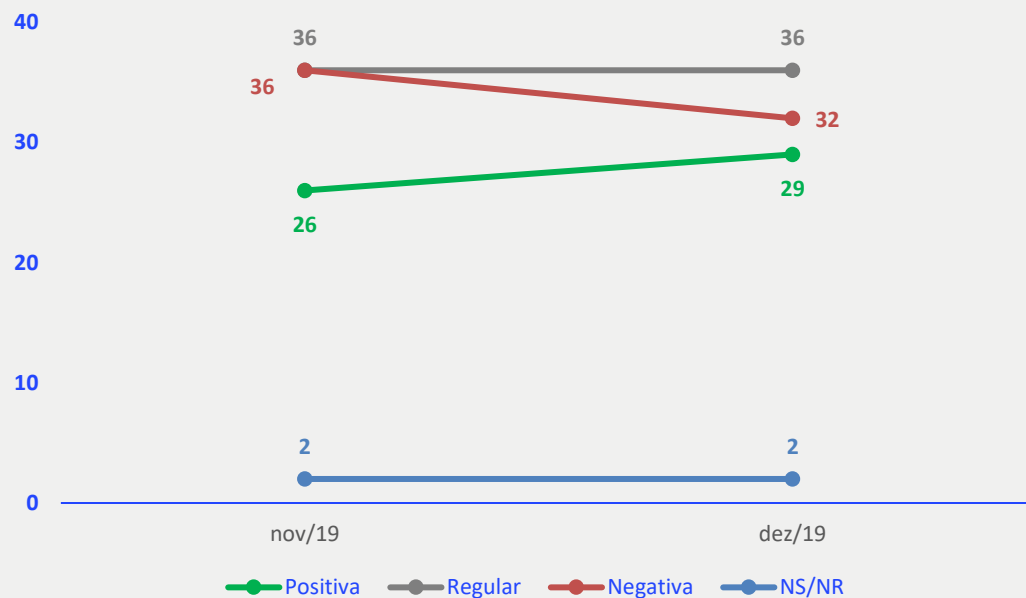


Fonte: Quaest, Mar Asset Management

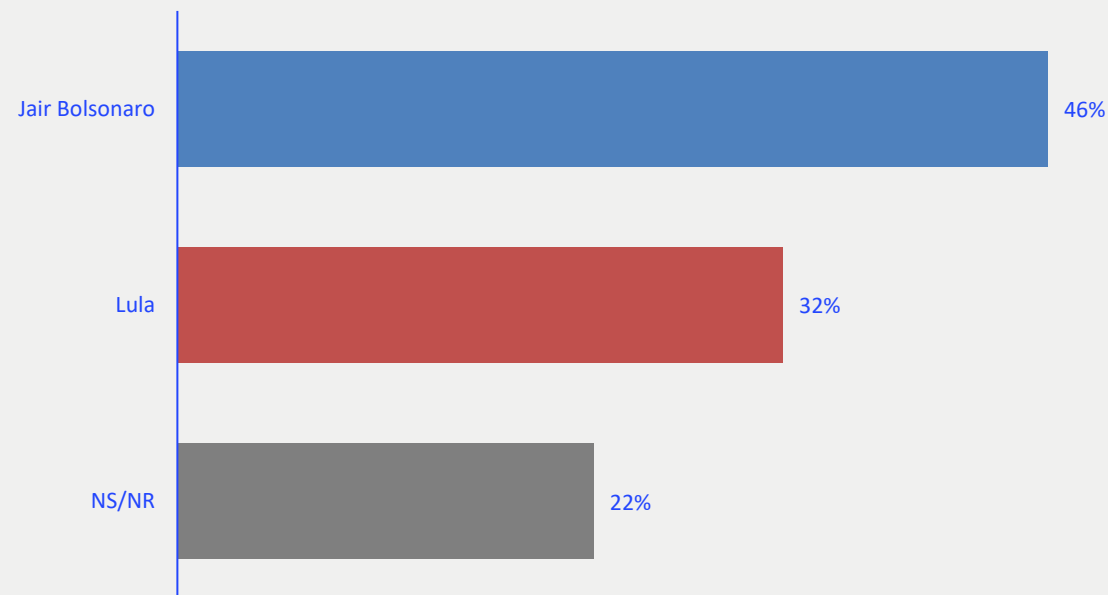
Viés de pesquisa eleitoral feita muito cedo – o caso de 2022

- Esse mesmo viés aparecia no início do governo Bolsonaro. A Quaest realizou uma pesquisa parecida em 2019, que simulava um segundo turno entre Bolsonaro e Lula. À época, Bolsonaro aparecia à frente de Lula com 46% das intenções contra 32%. Essa mesma pesquisa mostrava a avaliação do governo Bolsonaro compatível com ele obtendo apenas 42% dos votos contra 46% do adversário, utilizando a matriz de conversão efetivamente observada em 2022. Isso sugere que pesquisas feitas com muita antecedência podem enviesar as simulações de eleições para presidente em favor do incumbente, mesmo quando o adversário seja conhecido.

Avaliação da administração de Bolsonaro | Agregado



Se as eleições fossem hoje, em quem você votaria?

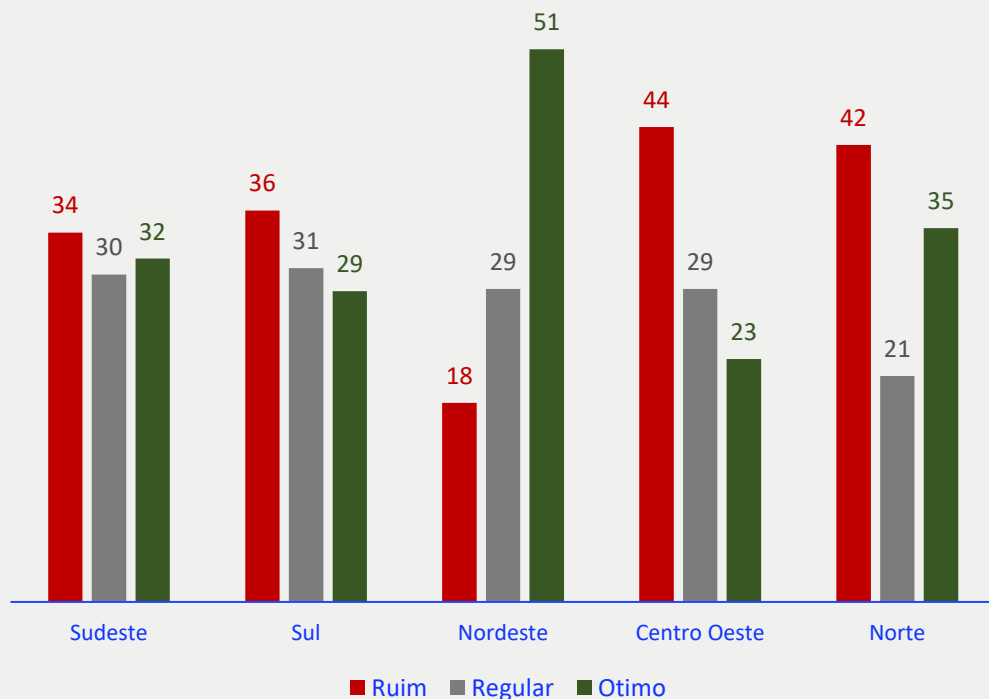


Avaliação - recorte por renda e região

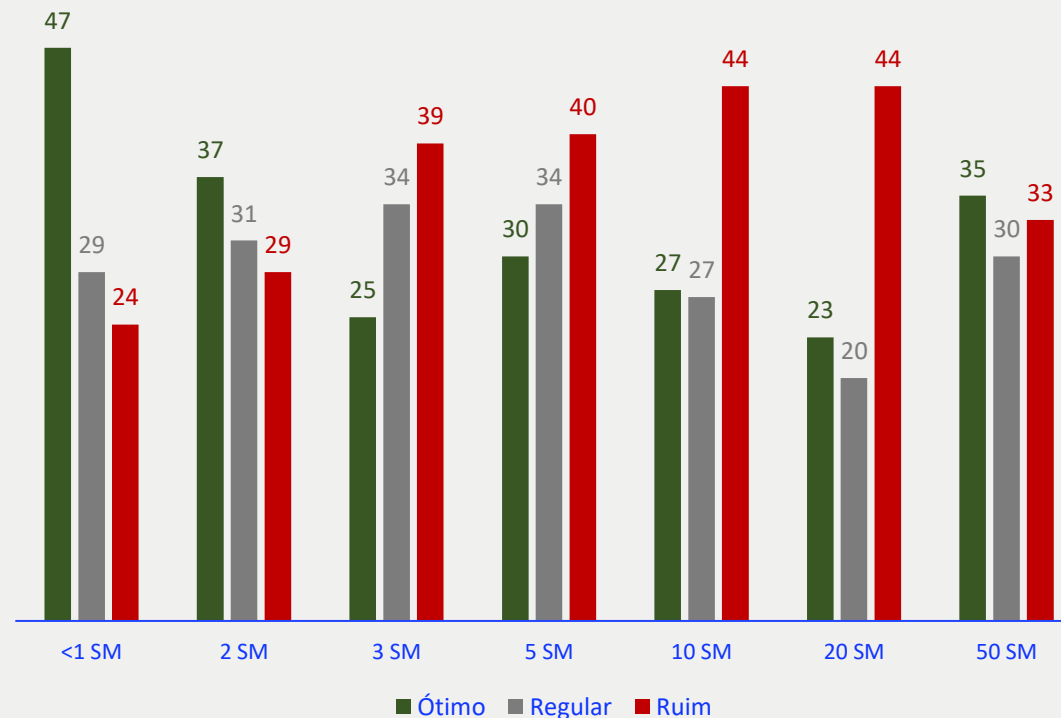
Avaliação varia muito de acordo com renda e região

- Além da religião, os recortes por região e faixa de renda têm sido relevantes para entendermos o padrão de votação e de avaliação dos governos presidenciais. Em geral, as avaliações dos governos do PT foram melhores entre os eleitores do Nordeste e com menor renda. Esses recortes ajudam a explicar as diferenças e a dinâmica do padrão de votação nas eleições presidenciais nos últimos ciclos eleitorais.

Avaliação do governo por região (2024, %)



Avaliação do governo por faixa de renda (2024, %)

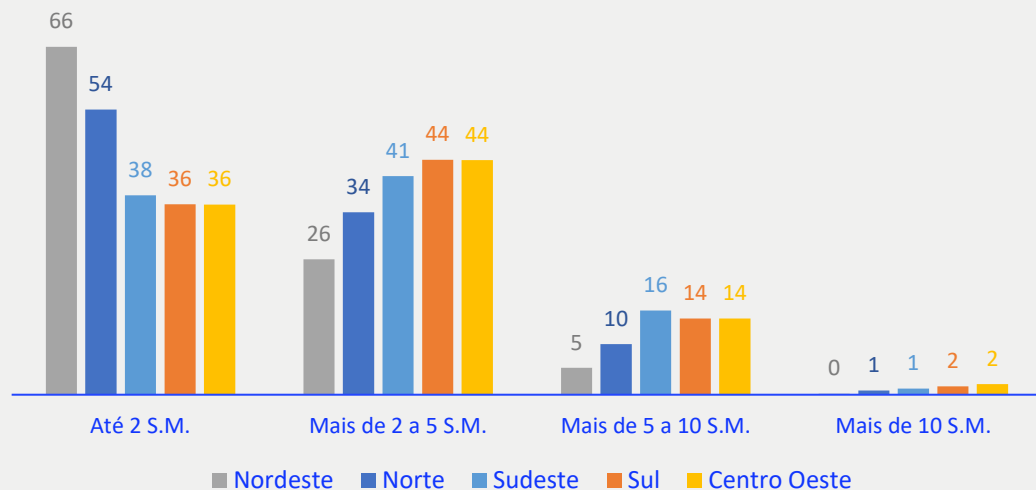


Fonte: Datafolha, Mar Asset Management

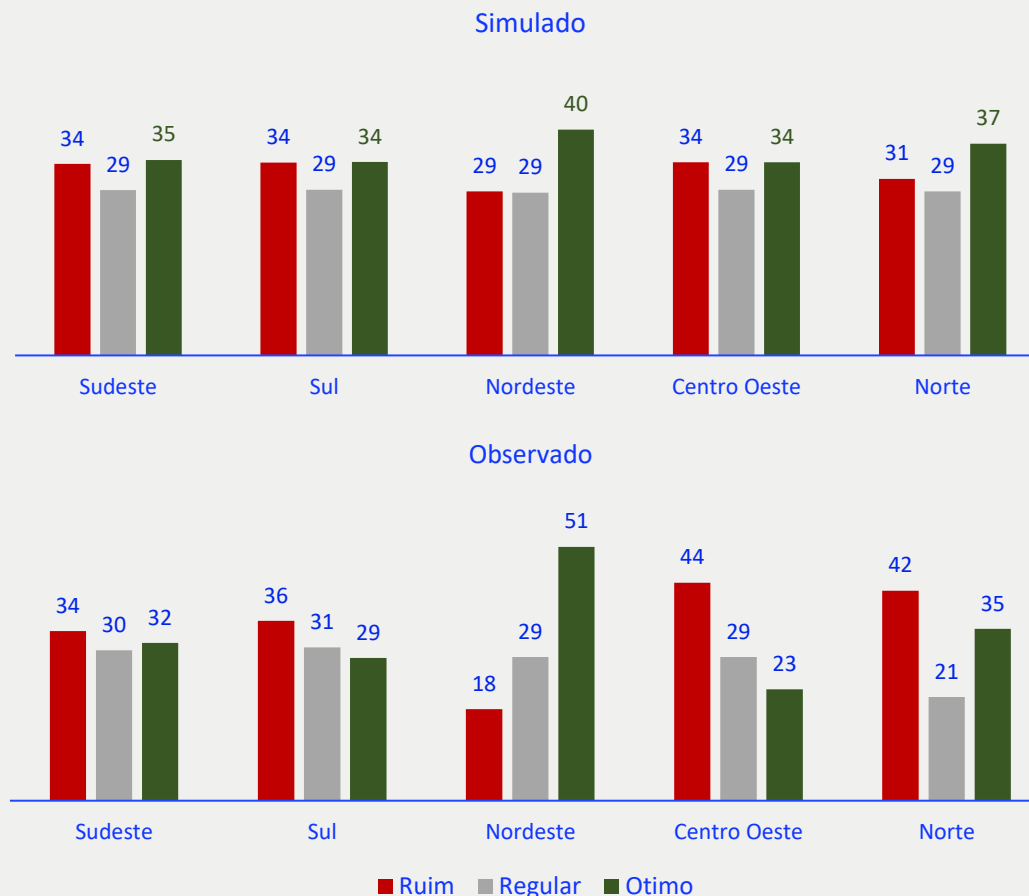
Renda explica parte, mas não toda discrepância regional

- A discrepância de renda entre as regiões explica parte, mas não toda a diferença entre como o governo é avaliado em diferentes regiões. Simulamos qual deveria ser a avaliação do governo se esta respondesse apenas à composição de renda de cada região.
- Mesmo quando controlamos para a renda, a região NE tem uma avaliação bem melhor que as demais, enquanto a CO, bem pior.
- A região N é peculiar. O grau de polarização é o maior dentre as regiões, com as avaliações boas e ruins sendo muito maiores do que as regulares, o que contrasta com a distribuição de renda.

Peso de cada faixa de renda por região – (2024, %)



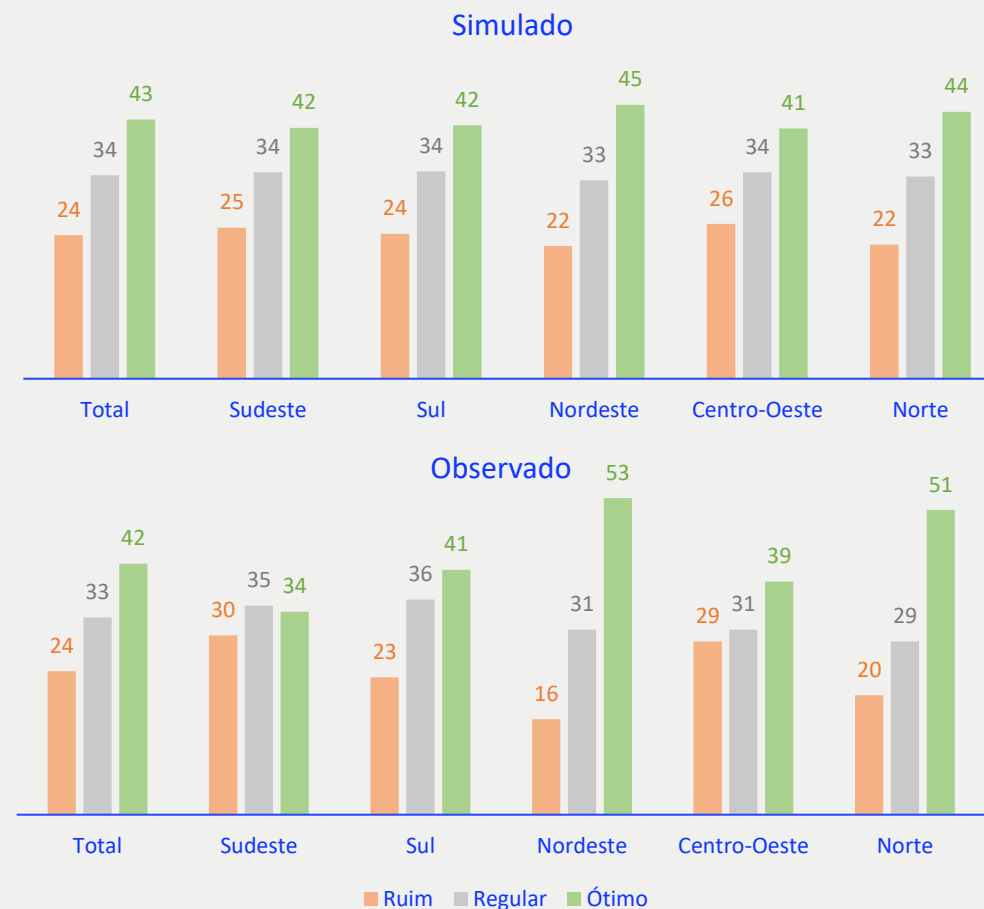
Avaliação por região – simulado vs. observado (2024, %)



Em 2014, a renda explicava melhor as diferenças geográficas

- Refizemos o exercício do slide anterior para o ano de 2014, último ano de eleições presidenciais em que não havia uma diferença muito grande no padrão de votação dos evangélicos. Vimos que a renda explica boa parte das diferenças de avaliação entre regiões.
- À época, a região Nordeste tinha uma avaliação do governo Dilma 1 mais positiva do que a que seria explicada apenas pela sua composição de renda.
- No entanto, as regiões que mais chamam a atenção são a Norte e a Centro-Oeste. Em 2014, a região Norte exibiu um padrão muito parecido com a região Nordeste, o que era de se esperar, dado que ambas possuem uma distribuição de renda bastante similar.
- A região Centro-Oeste também não destoava das demais. A avaliação seguia muito de perto o que seria sugerido pelo padrão de renda da região. Isso é muito contrastante com 2024, quando vemos um grau muito alto de rejeição ao governo Lula.

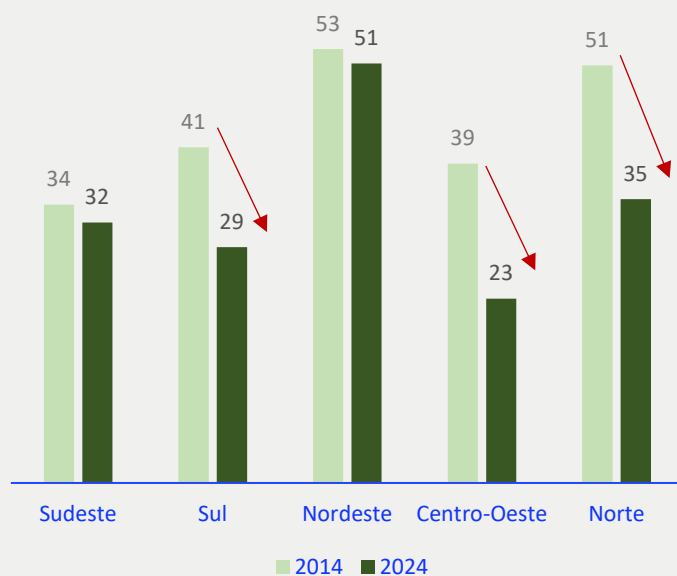
Avaliação por região (2014) – simulado vs. observado (%)



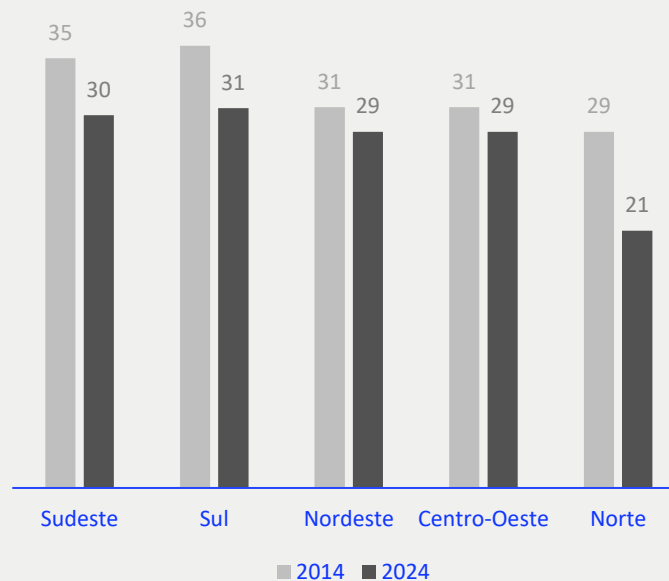
Regiões Sul, CO e Norte foram as que mais mudaram

- A comparação entre a avaliação de Dilma I (2014) e Lula III (2024) mostra uma piora em todas as regiões. As maiores diferenças estão no Sul, Centro-Oeste e Norte. Em 2024, a região Centro-Oeste é a que apresenta a pior avaliação.
- A região Norte é um caso à parte. A região tinha uma distribuição de renda e um padrão de avaliação/votação muito parecidos com os da região Nordeste. Isso mudou muito, e agora é uma das regiões com o maior percentual de avaliação negativa do atual governo. Como veremos mais à frente, essa diferenciação é devido a proporção de evangélicos ser muito maior no Norte.

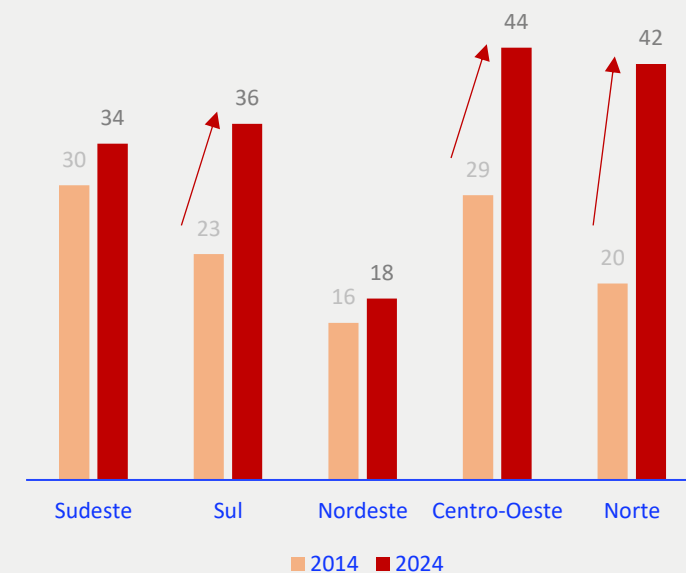
**Ótimo/Bom por região
2014 vs. 2024 (%)**



**Regular por região
2014 vs. 2024 (%)**



**Ruim/Péssimo por região
2014 vs. 2024 (%)**

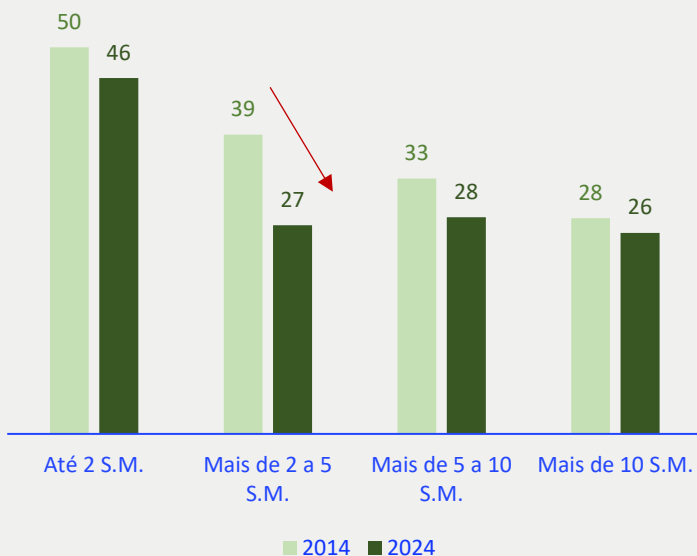


Fonte: Datafolha, Mar Asset Management

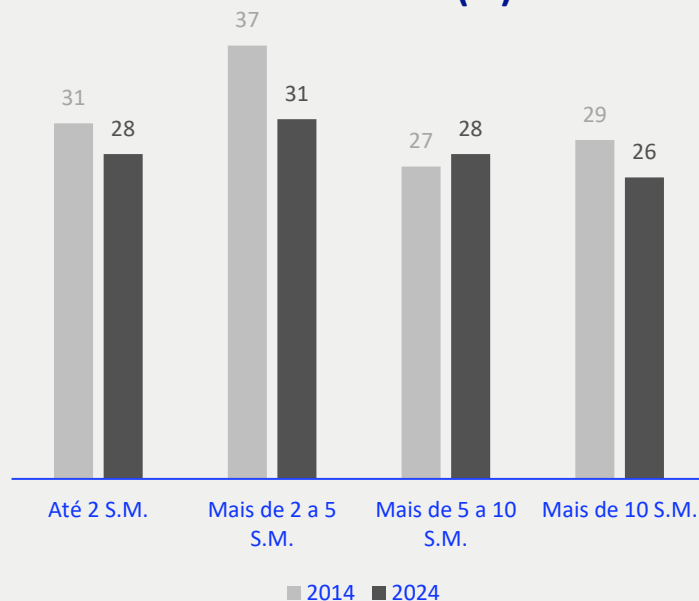
Por renda, a avaliação mudou mais entre 2 a 5 S.M.

- Por faixa de renda, a piora foi mais aguda entre os eleitores que recebem de 2 a 5 salários mínimos. A avaliação "ótimo" e "bom" diminuiu de 39% para 27%, enquanto a negativa aumentou de 25% para 39%. A avaliação piorou em todas as outras faixas, mas em menor magnitude.
- Não à toa, o governo Lula III já se movimenta para aprovar medidas direcionadas a esse segmento, como a isenção de imposto de renda para quem recebe até R\$5.000. O diagnóstico é que a batalha nas próximas eleições presidenciais se dará neste segmento da sociedade.

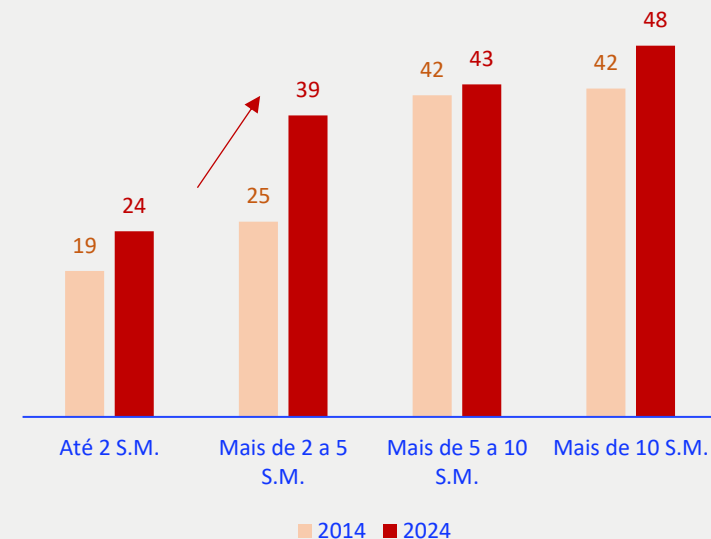
**Ótimo/Bom por renda
2014 vs. 2024 (%)**



**Regular por renda
2014 vs. 2024 (%)**



**Ruim/Péssimo por renda
2014 vs. 2024 (%)**

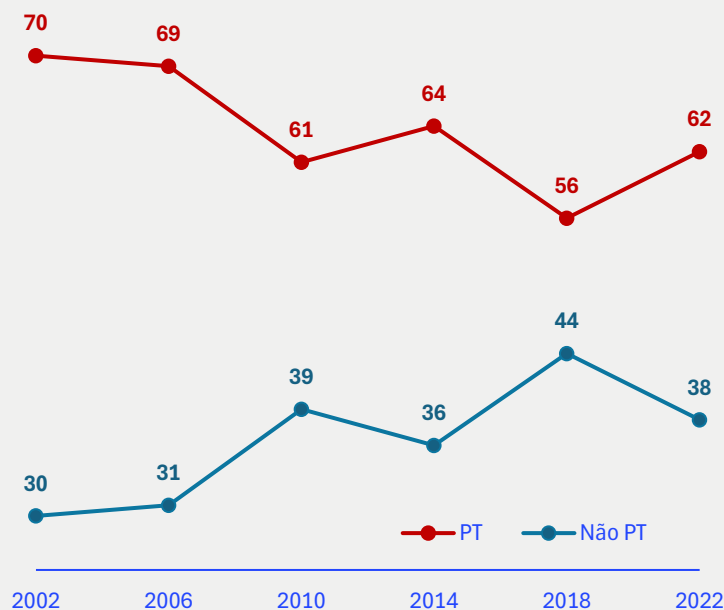


Fonte: Datafolha, Mar Asset Management

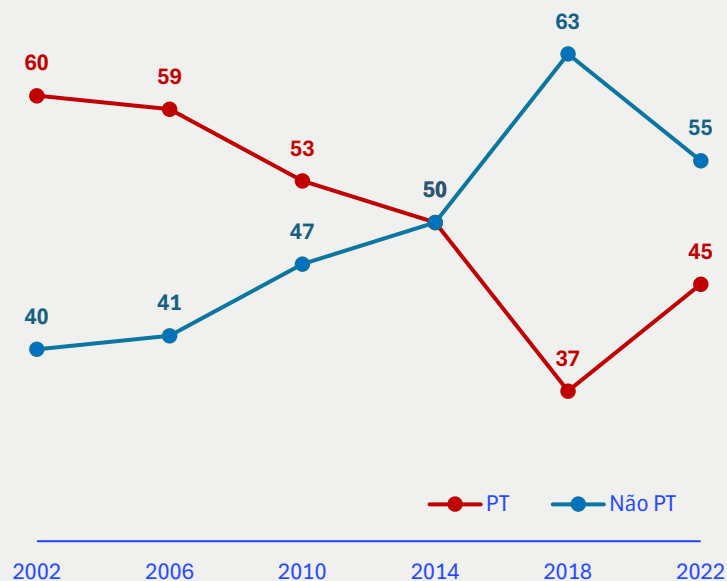
PT perdeu votos na faixa de 2 a 5 S.M.

- As intenções de voto à véspera do segundo turno mostram que a única faixa de renda pela qual o PT perdeu apoio de maneira relevante nas eleições de 2022 foi entre 2 e 5 salários mínimos. Lula foi capaz de repetir o desempenho de Dilma dentre aqueles que recebem menos de 2 salários mínimos e até obteve um maior apoio comparado a Dilma em 2014 dentre aqueles que recebem mais de 5 salários mínimos.

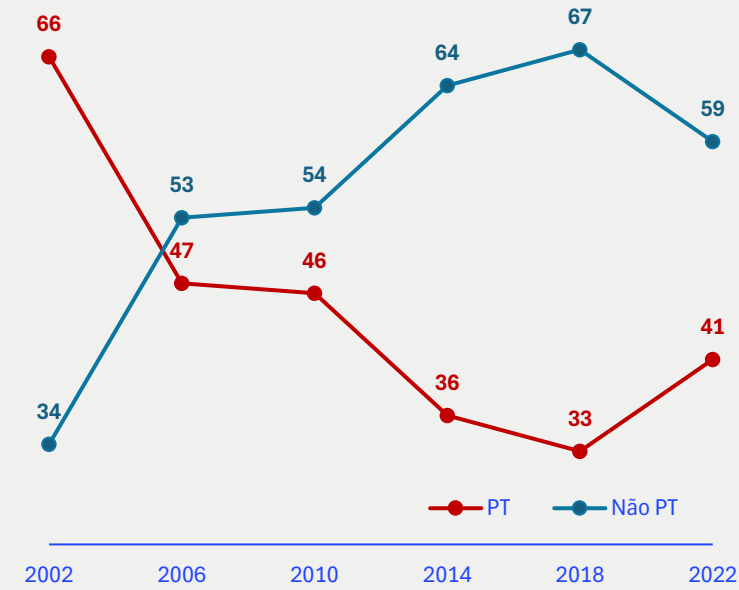
Intenção de voto no segundo turno da eleição presidencial – até 2 S.M. (%)



Intenção de voto no segundo turno da eleição presidencial – 2 a 5 S.M. (%)



Intenção de voto no segundo turno da eleição presidencial – mais de 5 S.M. (%)



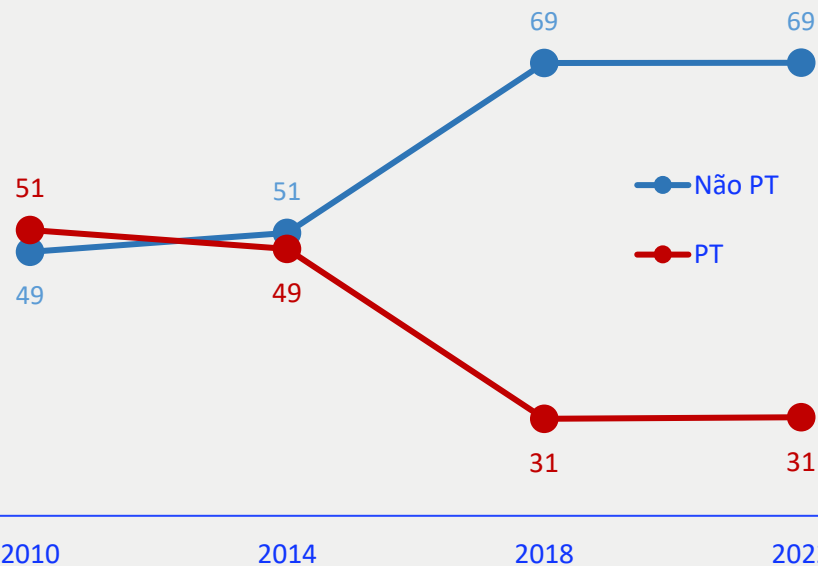
Fonte: Datafolha, Mar Asset Management

Consequências eleitorais da expansão dos evangélicos

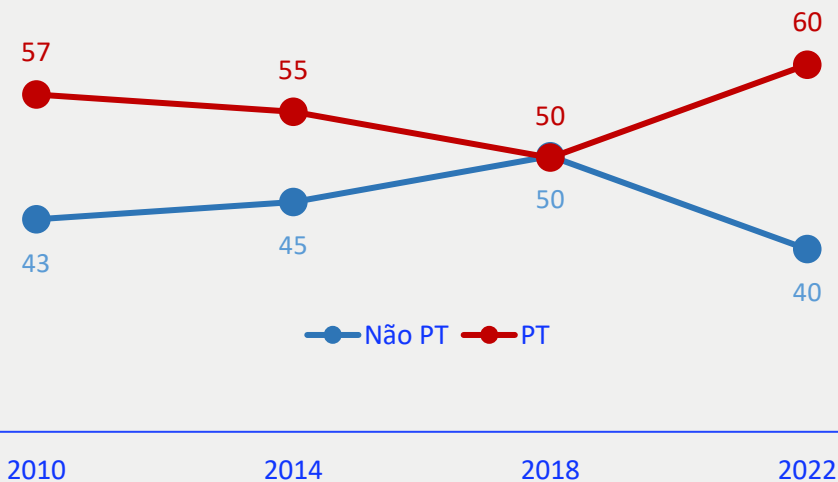
Evangélicos votam contra o PT para presidente desde 2018

- A intenção de votos na véspera das eleições presidenciais é muito distinta entre os evangélicos e o restante da sociedade. Até 2014, os evangélicos votavam relativamente de forma equilibrada entre o candidato do PT (Dilma) e seu adversário. Esse panorama mudou significativamente a partir das eleições de 2018, quando apenas 31% dos eleitores evangélicos declararam voto em Haddad (2018) e Lula (2022).
- O PT venceu as eleições de 2010, 2014 e 2022 por conta da preferência dos eleitores que não são evangélicos. Mesmo em 2018, época em que a rejeição ao partido era muito alta, o PT detinha 50% da intenção de voto desse grupo. Em 2022, Lula foi eleito apenas por conta da maior vantagem já obtida entre esse segmento da sociedade.

Intenção de voto no segundo turno da eleição presidencial – evangélicos (% votos válidos)



Intenção de voto no segundo turno da eleição presidencial – não-evangélicos (% votos válidos)

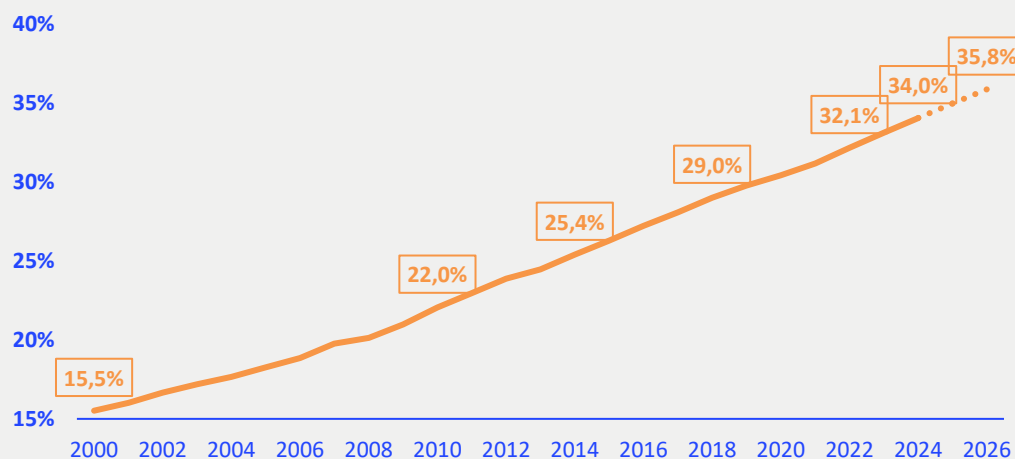


Fonte: Mar Asset Management

Crescimento de evangélicos dificultará Lula em 2026

- A combinação entre o padrão de votação dos evangélicos e o seu crescimento como proporção da sociedade é muito negativa para o PT nas eleições subsequentes. Estimamos que os evangélicos representarão 35,8% da população em 2026, contra 34% em 2022. Apenas esse aumento já seria suficiente para alterar o resultado da eleição, mantendo-se todos os demais fatores constantes. Ou seja, mantidas as intenções de votos no PT entre evangélicos e não evangélicos iguais às de 2022, Lula obteria 49,8% dos votos válidos.
- Na eleição de 2022, Lula obteve bastante sucesso no convencimento do eleitor não evangélico. Foi a maior taxa de conversão entre esse grupo em todas as eleições vitoriosas do PT, possivelmente por conta da alta taxa de rejeição a Bolsonaro. Não está claro se a melhor estratégia para o PT, neste momento, é aumentar a captura dos votos nesse grupo ou tentar melhorar o seu desempenho entre os evangélicos.

Proporção estimada da população evangélica no Brasil (2000 – 2026)



Relação entre taxa de conversão, tamanho da população evangélica e resultado das eleições presidenciais

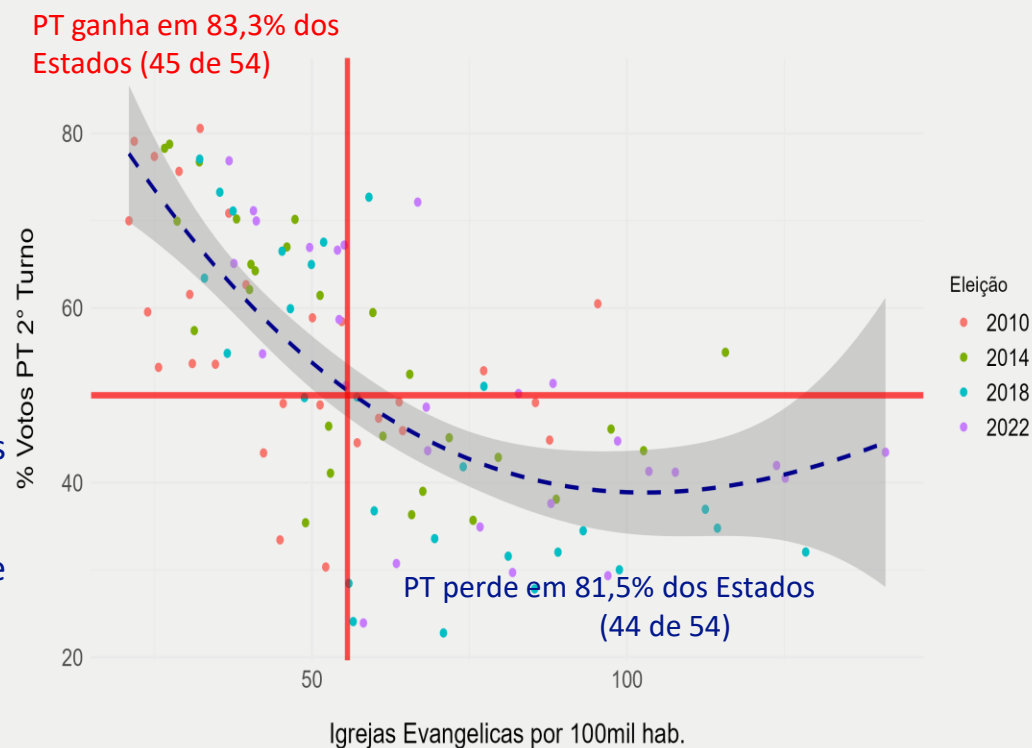
	2010	2014	2018	2022	2026*
% Evangélicos	22,2%	25,4%	29,0%	32,1%	35,8%
Conversão Evangélicos	51,0%	49,0%	31,0%	31,0%	31,0%
Conversão Não-Evangélicos	57,5%	52,5%	50,5%	60,3%	60,3%
Resultado	56,1%	51,6%	44,9%	50,9%	49,8%

Fonte: Mar Asset Management

Qual é o impacto da expansão evangélica no voto do PT?

- A análise anterior focou nas informações obtidas por intenções de voto advindas de pesquisas eleitorais para determinar o padrão dos evangélicos. Essas pesquisas entrevistam um número relativamente pequeno de eleitores e estão sujeitas a vieses amostrais.
- Buscamos identificar o impacto dos evangélicos nos resultados das eleições de fato observados. Como o voto é secreto, não é possível identificar como os evangélicos votaram. Para contornar esse problema, focamos nas diferenças regionais dos votos: analisamos como variações na proporção de evangélicos entre municípios ou estados alteram as votações no PT no segundo turno das eleições.
- A relação entre evangélicos e o voto é evidente. Nos estados com maior quantidade de templos, a votação no PT tende a ser menor, e vice-versa. Em quase todos os estados com mais de 60 templos por 100 mil habitantes, o PT obteve menos de 50% dos votos totais no segundo turno. Nos estados com menos, o PT obteve vitória em praticamente todos os estados e anos. As poucas exceções foram nas eleições de 2010-2014, antes da grande mudança no padrão de votação dos evangélicos capturada pelas pesquisas de intenção de voto.
- A relação, no entanto, não parece ser linear. A partir de determinado número de templos, a votação no PT não muda significativamente com a adição de templos adicionais.

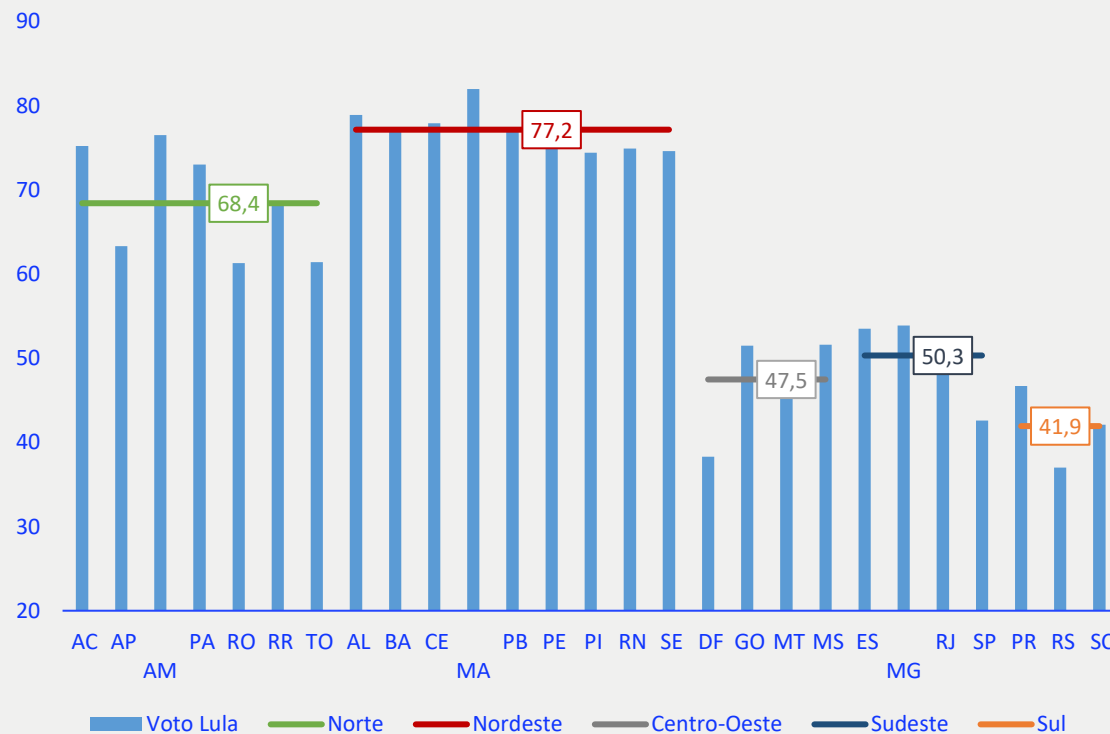
Relação entre quantidade de templos evangélicos per capita e votação no PT no segundo turno, por estado, nas eleições de 2010 a 2022 (%)



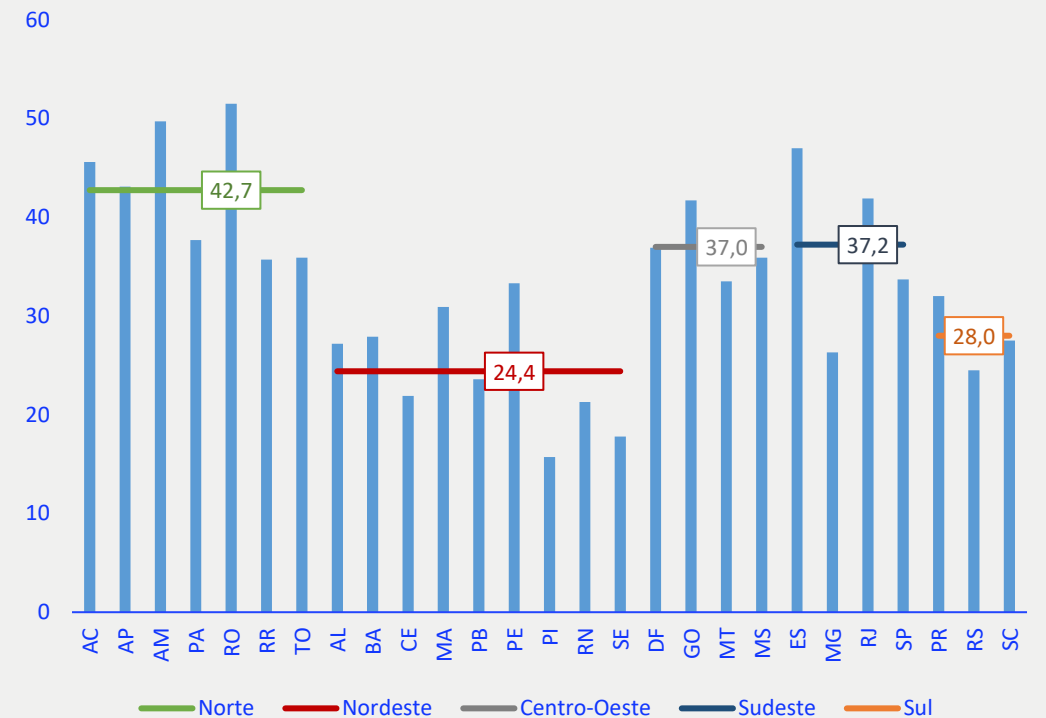
Estados variam em relação à renda e religião predominante

- Dois potenciais recortes que podem explicar a diferença no padrão de votos entre regiões são a distribuição de renda e a predominância da religião evangélica. Historicamente, o PT obteve maior apoio nas classes mais baixas de renda e, como vimos nos slides anteriores, menor apoio entre os evangélicos.

Proporção da população com renda per capita < 1 S.M. (%)



Proporção da população que é evangélica por estado (%)

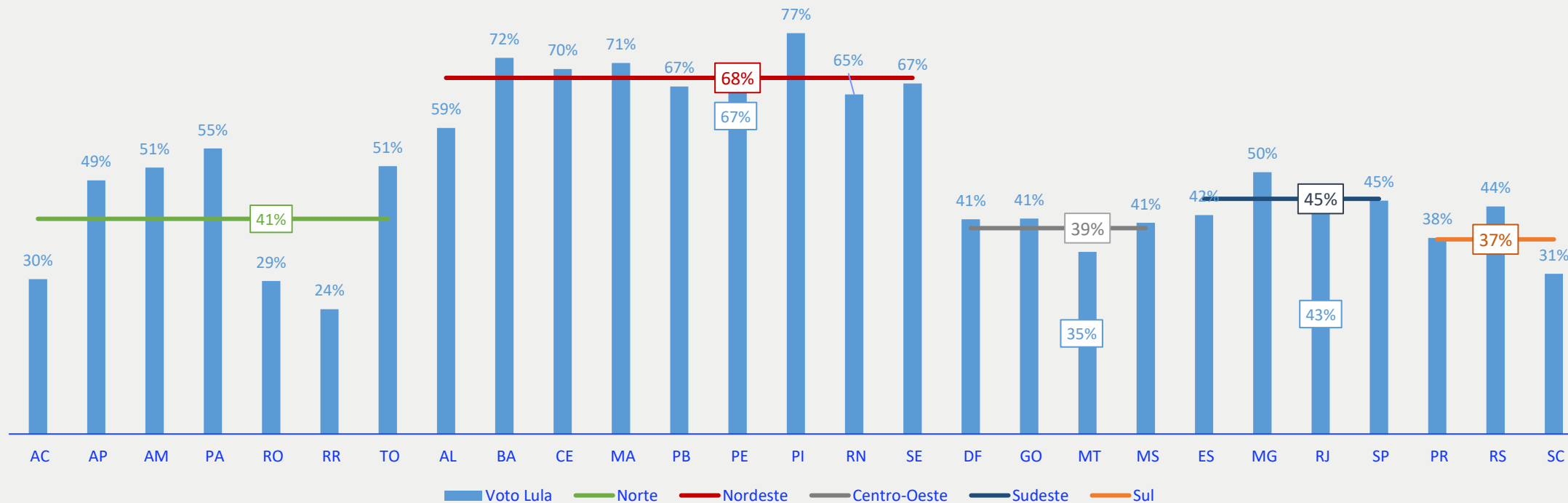


Fonte: IBGE, Mar Asset Management

Lula venceu as eleições majoritariamente no Nordeste

- A votação no PT variou muito entre regiões e estados na eleição de 2022. Lula obteve 68%, em média, dos votos válidos nos estados do Nordeste, enquanto apenas 37% nos estados da região Sul. A região Norte apresentou a maior discrepância, com alguns estados mostrando vantagem para Lula (AM, PA) e outros com vantagens claras para Bolsonaro (AC, RO e RR).

Votos válidos em Lula no segundo turno das eleições de 2022 (%)

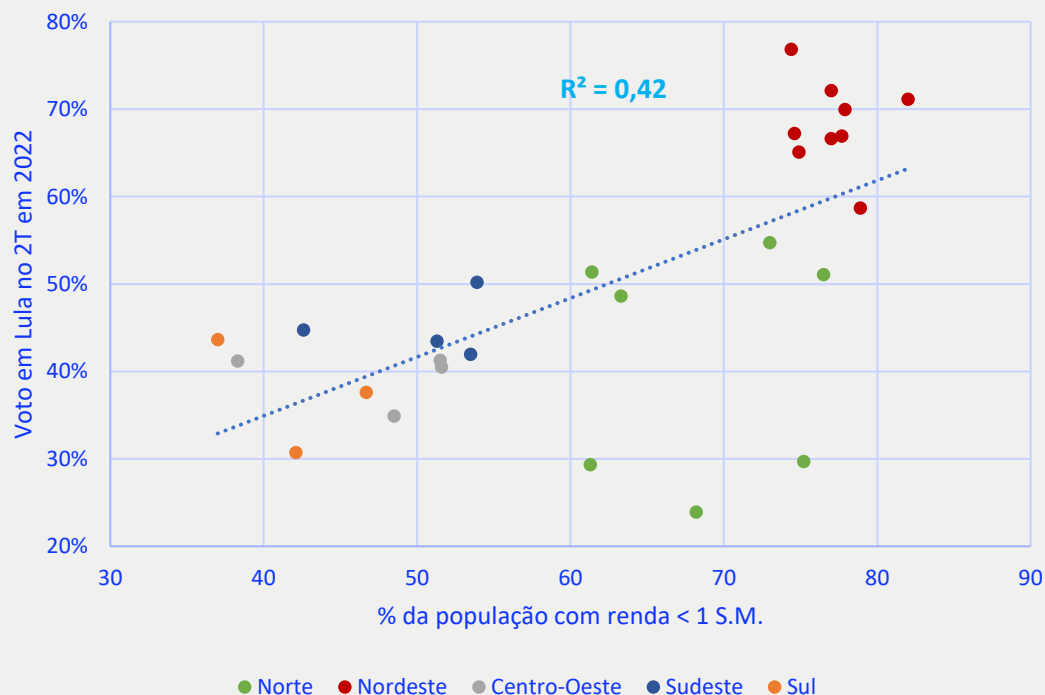


Fonte: TSE, Mar Asset Management

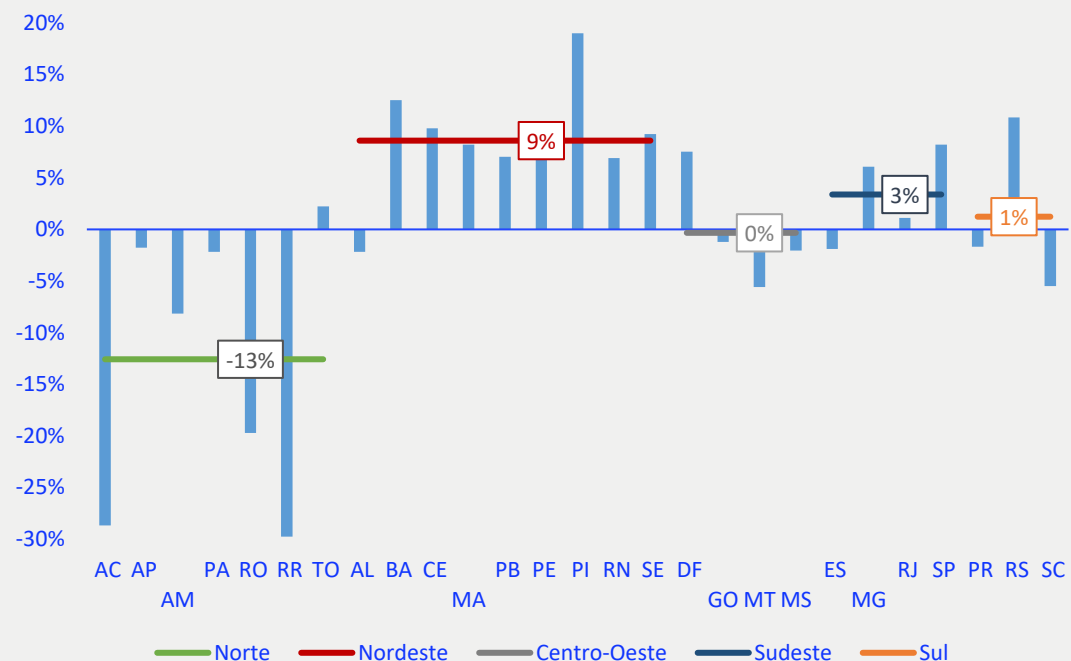
Renda explica pouco mais de 40% da discrepância entre estados

- Uma regressão simples entre votos no 2º turno das eleições de 2022 e a proporção da população com rendimento abaixo de 1 salário mínimo consegue explicar boa parte da diferença de votos. Simulamos qual deveria ser a votação em Lula em cada estado apenas com base na proporção da população com renda menor que um salário mínimo e a comparamos com a efetivamente observada. A renda, por si só, não é capaz de explicar a diferença no padrão de votação entre o Norte e o Nordeste.

Relação entre renda e voto em Lula em 2022 por estado



Voto em Lula – observado menos o simulado pela renda do estado (pp)

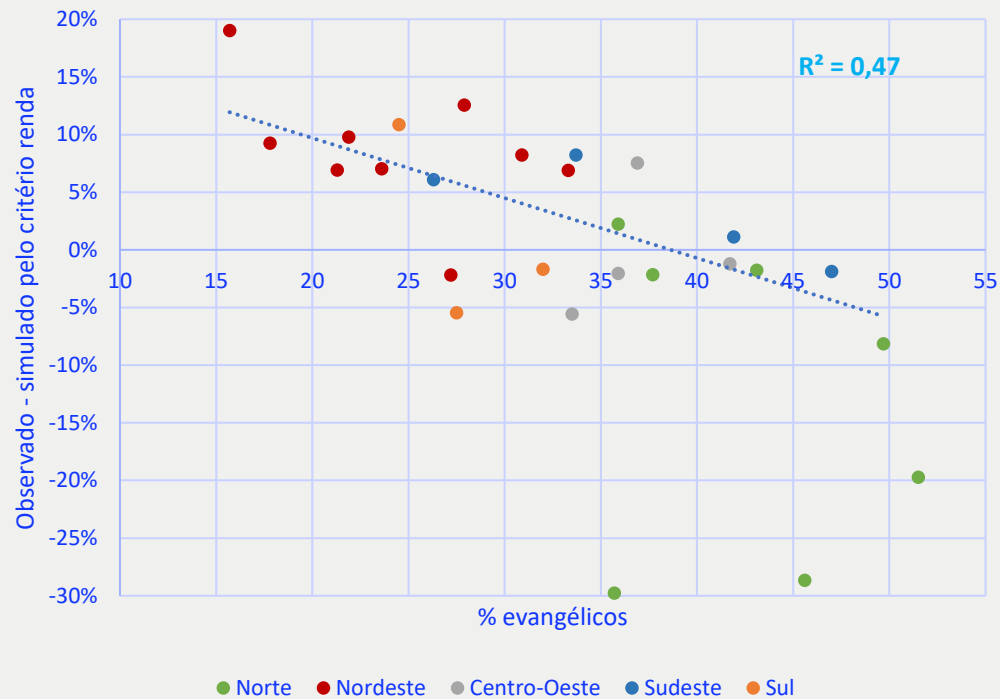


Fonte: IBGE, TSE, Mar Asset Management

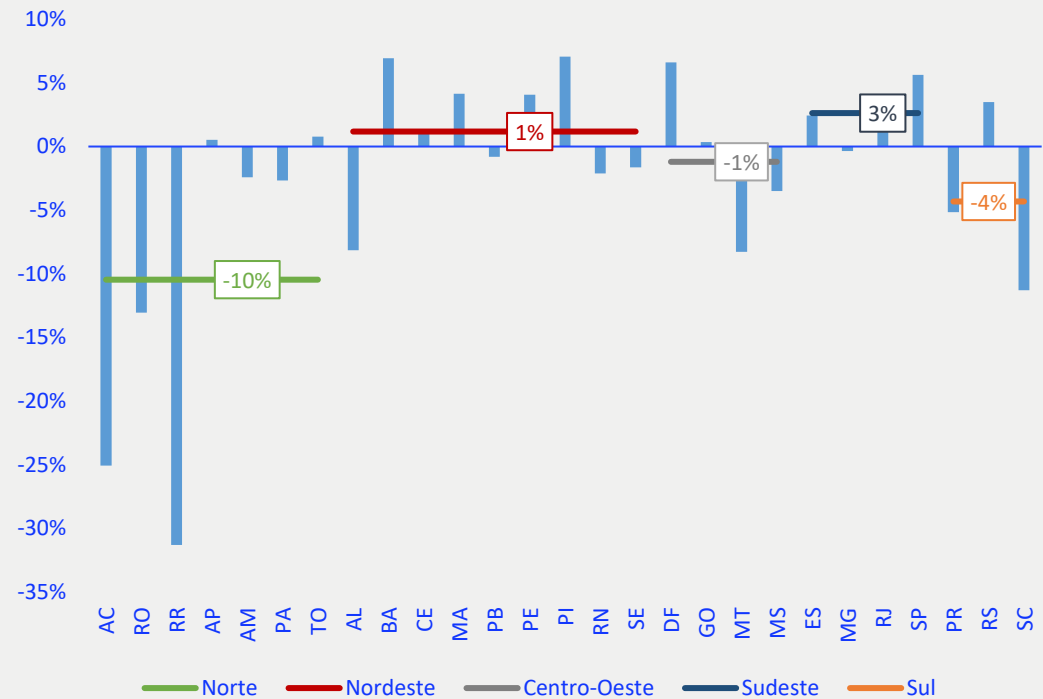
Evangélicos explicam a outra parte da diferença

- Parte relevante da discrepância da votação estadual do PT que não é explicada por diferenças de renda pode ser atribuída à presença evangélica. De maneira geral, renda e presença evangélica explicam quase toda a diferença estadual dos votos. As maiores discrepâncias são observadas nos estados do Acre, Rondônia e Roraima.

Relação entre o que não é explicado por diferença de renda estadual e proporção de evangélicos na população



Voto em Lula não explicado nem por diferença de renda nem como % da população evangélica (pp)

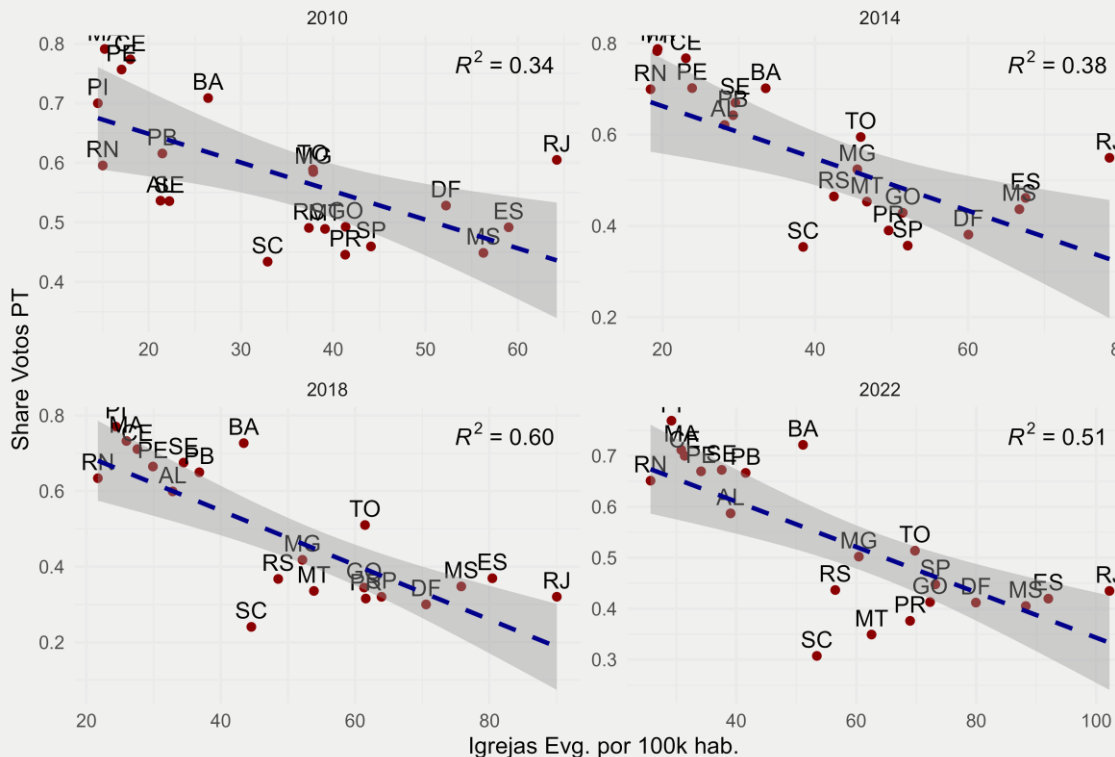


Fonte: IBGE, TSE, Mar Asset Management

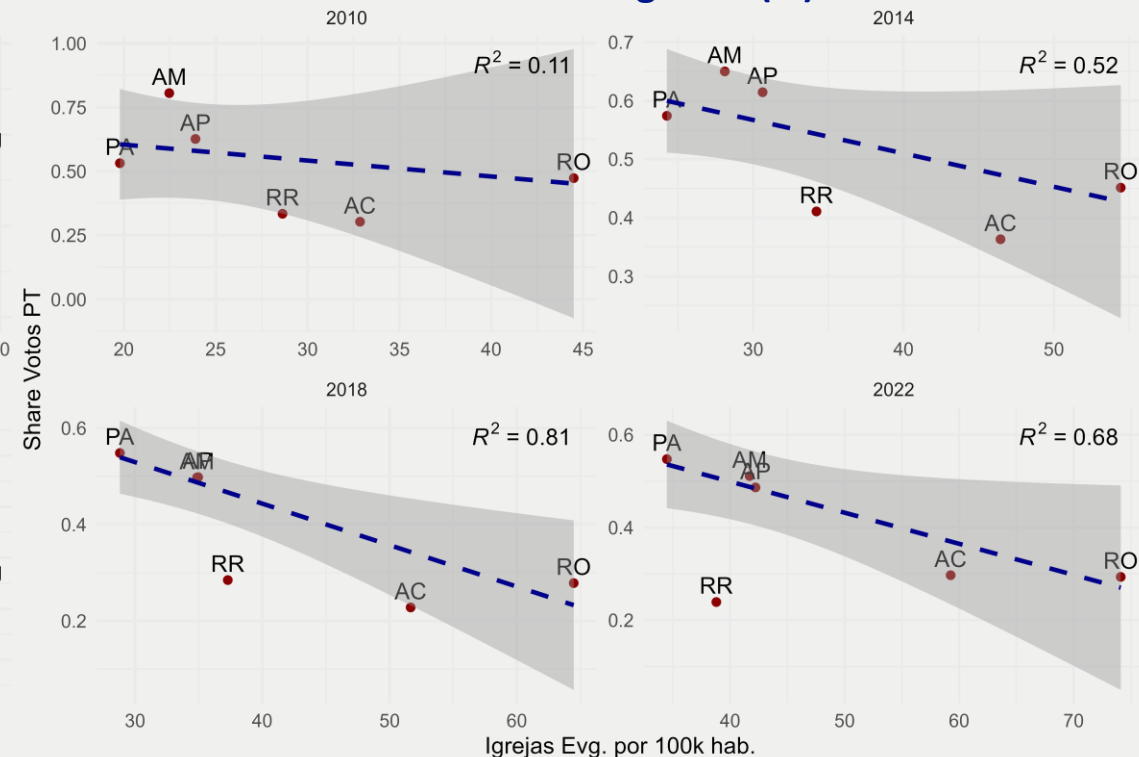
Mudança de padrão de votos ocorreu a partir de 2018

- A análise mostra que, quanto maior a densidade de templos evangélicos por 100 mil habitantes, menor é a proporção de votos do PT, especialmente a partir de 2018. A região Norte foi analisada separadamente devido a uma particularidade: os templos nessa região costumam ser maiores, o que reduz a densidade por habitante e dificulta a comparação direta com outras regiões.

Relação entre quantidade de templos e votação no PT no 2T com exceção da região N (%)



Relação entre quantidade de templos e votação no PT no 2T na região N (%)

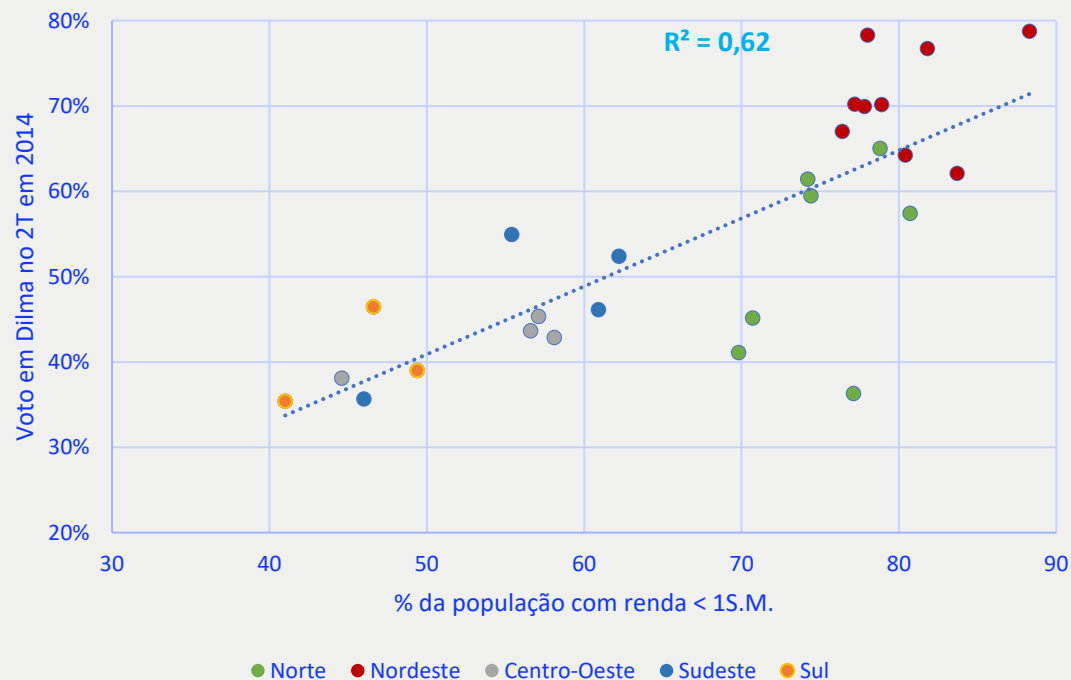


Fonte: TSE, Mar Asset Management

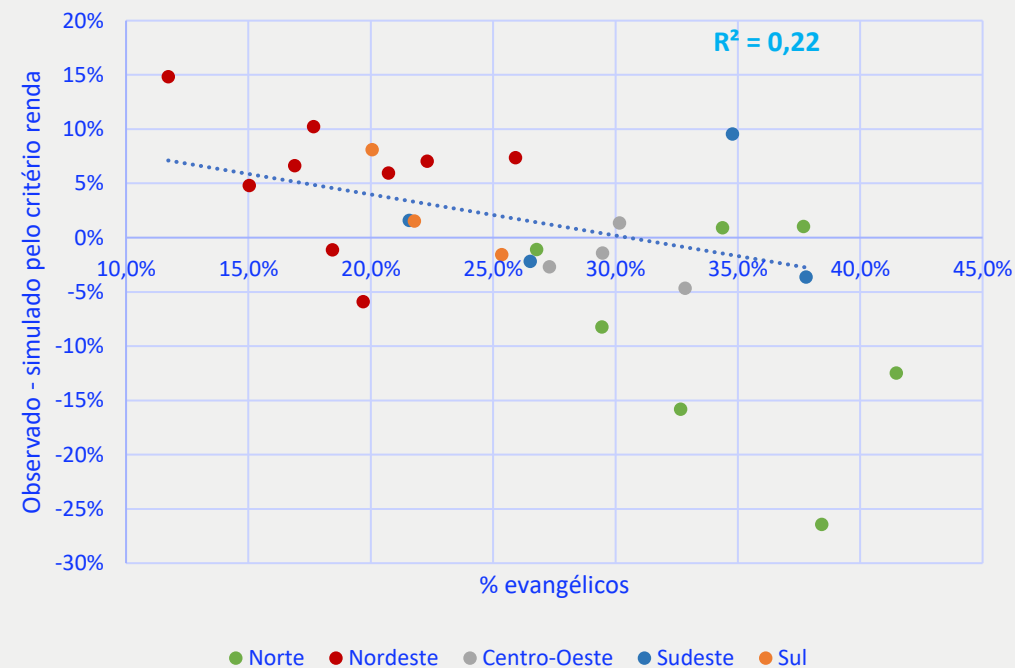
Renda explicava melhor o voto em 2014 do que religião

- Replicando o mesmo exercício para as eleições de 2014, é possível inferir que a renda era mais relevante para explicar o padrão de votação do que em 2022. A relação (R^2) entre a proporção da população com rendimento per capita menor que 1 S.M. e o voto em Dilma Rousseff no segundo turno era de 62% (vs. 42% em 2022). Descontado o efeito renda, a predominância evangélica explicava apenas 22% dos votos, enquanto em 2022 explicava 47%. Ou seja, o voto econômico era mais relevante àquela época do que as discrepâncias religiosas.

Relação entre renda e voto em Dilma em 2014 por estado



Relação entre o que não é explicado por diferença de renda média estadual e proporção de evangélicos na população



Dados municipais reforçam relação entre evang. e votos no PT

- Montamos um painel onde podemos controlar os efeitos específicos de cada município e eleição. O objetivo é estimar a sensibilidade entre a proporção de evangélicos estimada e os votos do PT no segundo turno em cada município nas eleições presidenciais entre 2010 e 2022. Esse método controla, por exemplo, efeitos de correlação espúria entre os municípios que têm, por natureza, um viés de votação contrário ao PT e a propensão de ter uma população evangélica maior. Dessa maneira, é possível isolar o efeito de um aumento dos evangélicos entre uma eleição e outra na propensão ao voto no PT.
- O modelo básico é representado abaixo. A variável a ser explicada é a proporção de votos que o PT recebeu no município m na eleição do ano t , como função da proporção estimada de evangélicos naquele município. Além disso, adicionamos dummies para controlar os efeitos fixos dos municípios (ϕ_m), eleições (δ_t) e de estados (μ_s).

$$Votos\ PT_{mt} = \phi_m + \delta_t + \mu_s * \delta_t + \beta \times P_{mt}^{evg}_{mt} + \varepsilon_{mt}$$

- Estimamos que a elasticidade do voto em relação à proporção de evangélicos é de $\hat{\beta} = -0.56\%$. Ou seja, para cada 1 p.p. adicional de evangélicos na população, o PT teria -0,56 p.p. a menos de votação no segundo turno, em média, nas últimas quatro eleições. Um coeficiente negativo e estatisticamente significativo nos dá confiança de que o processo de evangelização tem efeito direto e relevante no resultado das eleições presidenciais.

Qual impacto da expansão evangélica no voto do PT?

- Para ilustrar a importância da recente expansão dos evangélicos, realizamos um exercício contrafactual: como teria sido o resultado da eleição de 2022 caso a proporção de evangélicos fosse aquela projetada para 2026?
 - Em 2022, Lula venceu o segundo turno com 50,9% dos votos.
 - Até 2026, estimamos que a proporção de evangélicos crescerá **3,7** pontos percentuais. Se essa expansão já tivesse ocorrido em 2022, a votação de Lula teria caído **2,2** p.p. (cálculo: $-0,56 * 3,7$), suficiente para mudar o resultado da eleição.
 - Na verdade, até um aumento de **1,6** p.p. na fatia de evangélicos já bastaria para o PT ser derrotado, segundo nosso modelo.
- Também calculamos a menor elasticidade de conversão dos recém adeptos ao evangelismo que seria suficiente para alterar o resultado eleitoral. Com base nos parâmetros de 2022, esse valor é de $\hat{\beta}' = -0,24$. Em outras palavras, ainda que os novos convertidos tivessem uma menor resistência a votar no PT do que o restante dos evangélicos, o desfecho da eleição seria diferente em nosso cenário contrafactual.
- Esses achados corroboram o que indicam as pesquisas de intenção de voto pré-eleição (vide slide 45): o crescimento do eleitorado evangélico representa uma dificuldade para a vitória do PT na eleição de 2026.

Efeito estimado do aumento da proporção de evangélicos nos votos no PT

	% Votos PT 2º Turno (1)
$\hat{\beta}$	-0.56*** (0.05)
R ²	0.91
Obs.	22,260
Município F.E	✓
Ano F.E	✓
Ano × Estado F.E	✓

Níveis de significância estatística: * 10%, ** 5%, e *** 1%

Eleições municipais de 2024 e implicações para a eleição presidencial

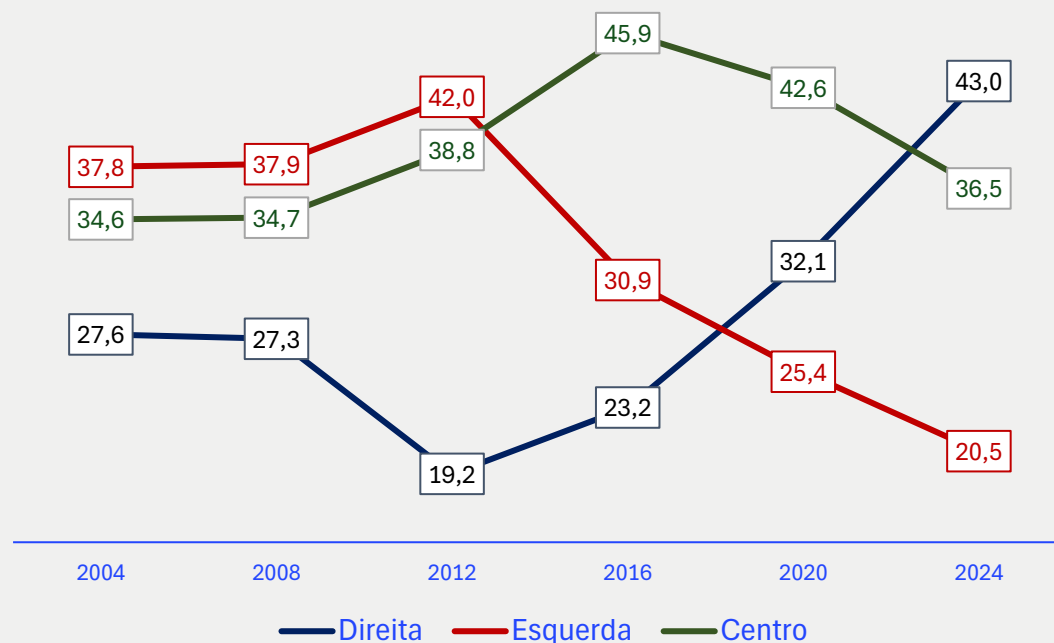
Partidos de direita ganharam muito espaço na década

- Classificamos os partidos políticos nas eleições municipais como de direita, esquerda e centro, analisando o número absoluto de votos que cada um deles recebeu no primeiro turno. Assim, é possível observar como a sociedade alterou seu perfil de votação ao longo do tempo.
- O exercício demonstra um claro fortalecimento da direita entre 2012 e 2024. Os partidos de direita receberam 43% do total de votos em 2024, ante menos de 20% em 2012. Esse crescimento é explicado principalmente pela queda de votos nos partidos de esquerda. Já os partidos de centro mantiveram a mesma proporção de votos registrada na eleição de 2004.

Classificação dos partidos políticos (amostra)



Votação nas eleições municipais no primeiro turno de acordo com o viés do partido (% do total de votos válidos)



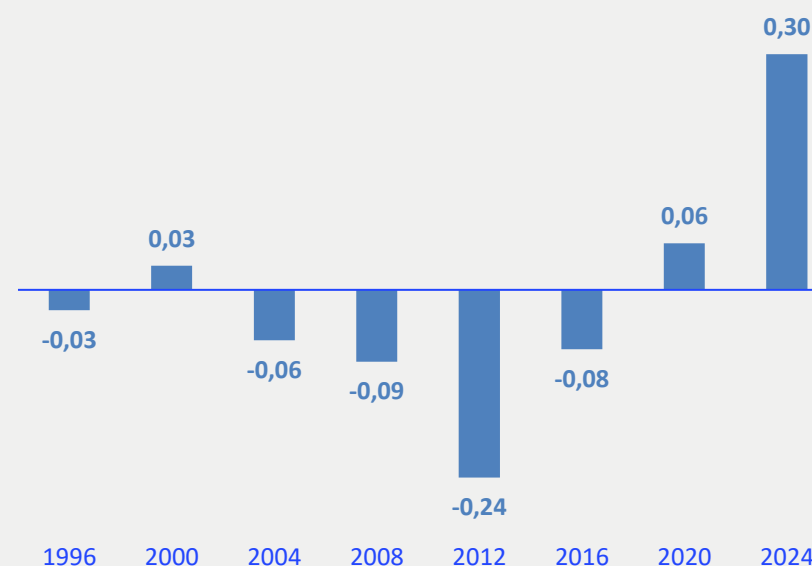
Partidos de direita ganharam muito espaço na década

- A partir dessa classificação, construímos o Índice de Posição Política (IPP), que classifica os partidos em uma escala de -2 (esquerda) a +2 (direita), com o centro representado por 0. Essa ferramenta facilita a análise de tendências ideológicas e mudanças no perfil de votação, utilizando os votos absolutos de cada partido ao longo do tempo.

Classificação dos partidos políticos (-2 ao +2)



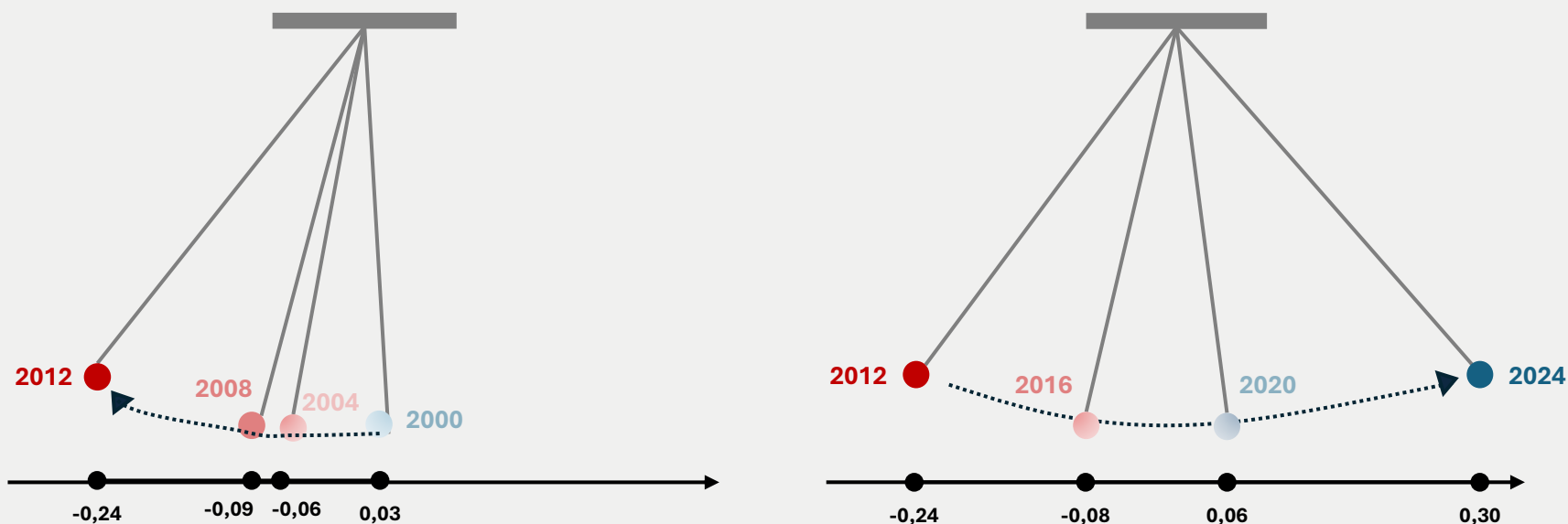
Índice de Posição Política dos votos de primeiro turno – Prefeito



O Pêndulo Político do Brasil se deslocou para a direita

- A evolução dos resultados das eleições reflete a movimentação do pêndulo político brasileiro. Entre 2000 e 2012, período de ascensão do PT como principal partido político, o IPP migrou do centro para partidos de esquerda. Desde 2012, observa-se um movimento contínuo de migração de votos da esquerda para a direita. Essa tendência aponta para um processo de direitização da sociedade, no qual a esquerda enfrenta dificuldades cada vez maiores para manter sua base eleitoral, enquanto a direita consolida progressivamente seu espaço político.

IPP de eleições municipais mostrou movimento pendular entre 2000 e 2024 e encontra-se no seu nível mais à direita

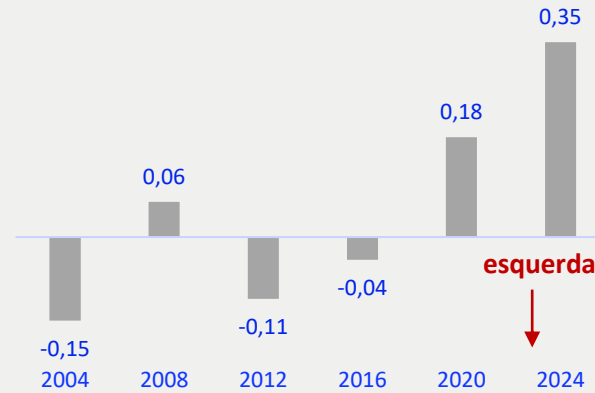


Fonte: Mar Asset Management

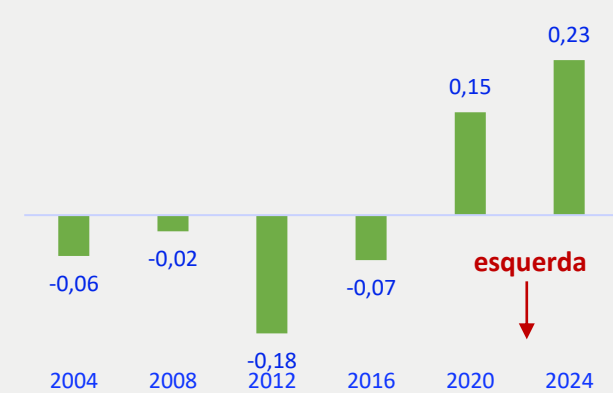
Movimento à direita é comum em todas as regiões

- Quando excluimos os partidos mais radicais (e.g., PSOL, PSTU, PL), observamos um movimento em direção aos partidos de centro-direita ao longo do tempo, em detrimento do centro-esquerda.
- Na eleição de 2024, essa tendência se confirma em todas as regiões, incluindo o Nordeste.

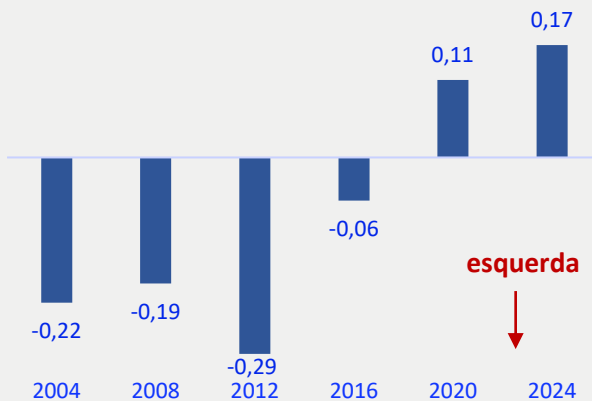
Posição Política - Centro Oeste



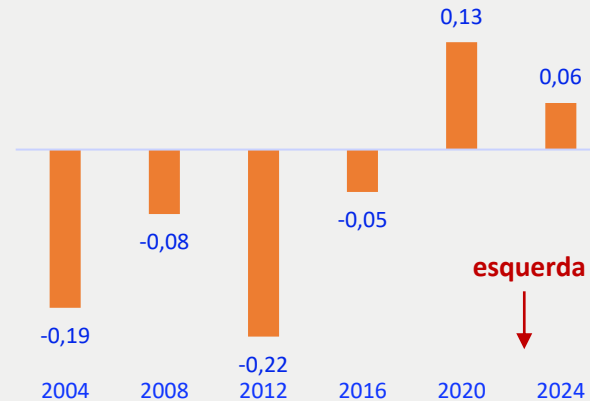
Posição Política - Norte



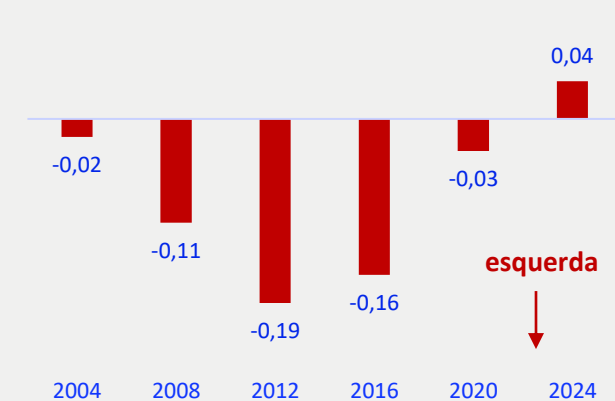
Posição Política - Sudeste



Posição Política - Sul



Posição Política - Nordeste

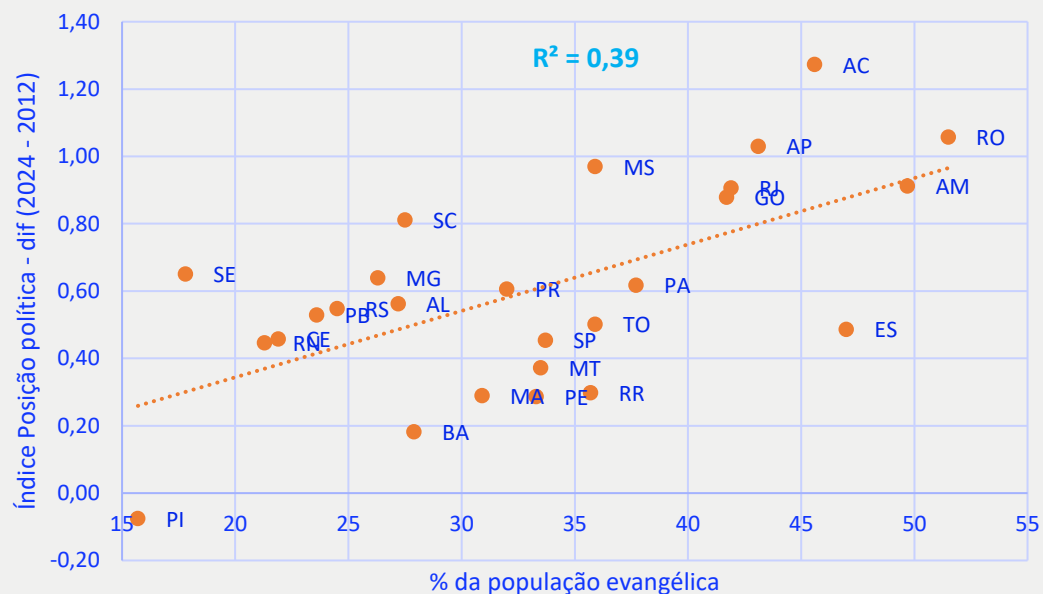


Fonte: TSE, Mar Asset Management

Movimento à direita também relacionado com evangélicos

- O movimento à direita nas eleições municipais nos últimos anos foi bastante disseminado entre os estados.
- É provável que esse movimento também esteja relacionado à mudança no padrão de voto evangélico. Em geral, os estados que mais se moveram à direita entre 2012 e 2024 foram aqueles com maior proporção de evangélicos em sua população.

Mudança de posição política entre 2012-2024 nas eleições municipais vs. % da população evangélica por estado



Índice de posição política nas eleições municipais

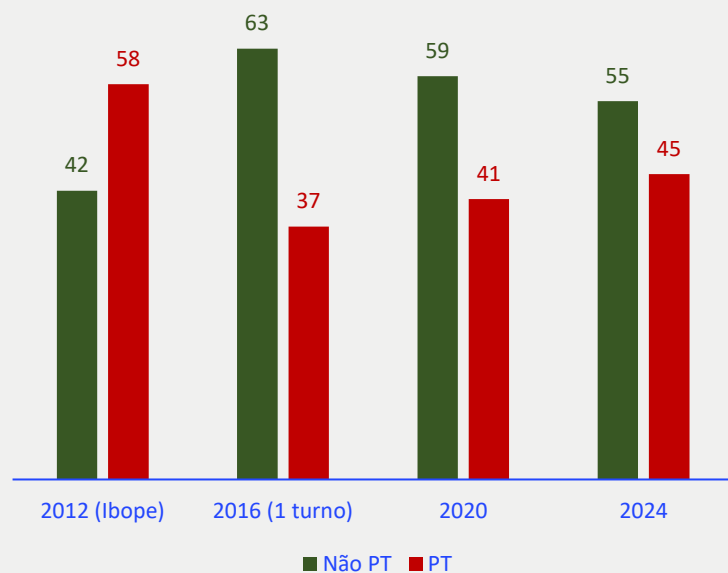
Região/Estado	2004 (Censo)	2008 (Censo)	2012 (Estimado)	2016 (Estimado)	2020 (Estimado)	2024 (Estimado)
Brasil	-0,06	-0,09	-0,24	-0,08	0,06	0,30
Centro-Oeste	0,0	0,3	-0,1	0,0	0,2	0,7
GO	0,1	0,2	-0,1	0,0	0,2	0,8
MS	-0,2	-0,1	0,2	0,1	0,2	0,5
MT	-0,1	0,7	-0,2	0,0	0,2	0,8
Nordeste	0,1	-0,1	-0,2	-0,1	0,0	0,1
AL	-0,3	0,3	0,1	0,0	0,1	0,6
BA	0,3	0,0	-0,1	0,1	0,1	0,1
CE	-0,1	-0,2	-0,5	0,0	-0,4	0,0
MA	0,1	-0,3	0,0	-0,4	0,2	0,2
PB	0,1	0,1	-0,1	-0,2	0,2	0,4
PE	0,0	-0,1	-0,3	-0,2	-0,1	0,0
PI	0,2	-0,1	0,0	0,0	0,2	-0,1
RN	-0,1	-0,1	-0,1	0,0	0,3	0,4
SE	0,0	-0,4	-0,1	-0,6	-0,2	0,5
Norte	0,0	0,1	-0,3	0,0	0,1	0,5
AC	-0,4	-0,3	-0,4	-0,3	0,2	0,9
AM	-0,1	0,1	-0,3	0,4	0,2	0,6
AP	-0,6	-0,5	-0,9	-0,3	0,1	0,1
PA	0,1	0,2	-0,3	-0,2	0,0	0,4
RO	-0,1	-0,2	-0,4	0,1	0,2	0,7
RR	0,0	0,2	0,0	0,2	0,2	0,3
TO	0,4	0,3	0,2	0,1	0,2	0,7
Sudeste	-0,1	-0,2	-0,3	-0,1	0,0	0,3
ES	-0,2	-0,2	-0,2	-0,3	-0,1	0,3
MG	0,1	-0,2	-0,3	0,0	0,1	0,4
RJ	0,2	-0,3	-0,2	0,0	0,4	0,7
SP	-0,3	-0,1	-0,3	-0,1	-0,1	0,1
Sul	-0,2	-0,1	-0,3	-0,1	0,1	0,4
PR	-0,2	-0,1	-0,3	-0,1	0,2	0,3
RS	-0,3	-0,2	-0,3	-0,1	-0,1	0,2
SC	0,2	0,1	0,0	0,0	0,4	0,8

Fonte: TSE, Mar Asset Management

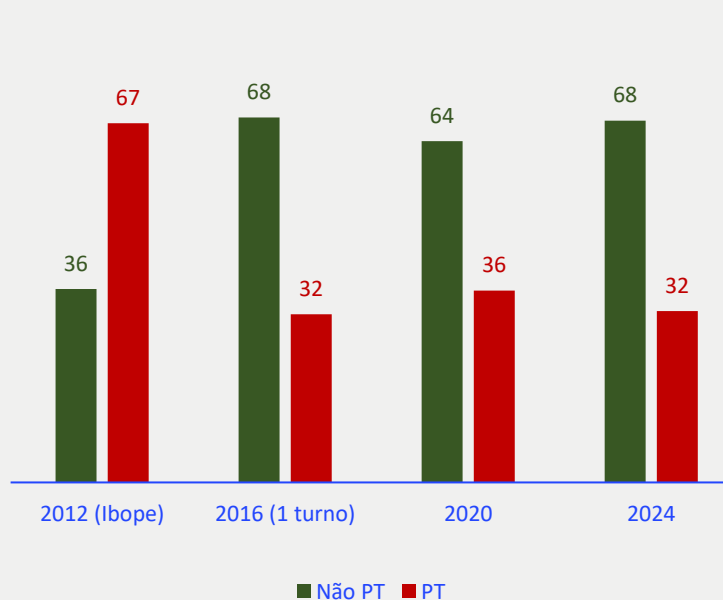
Eleição municipal em SP sugere resiliência do voto evang.

- As eleições na capital de São Paulo ilustram bem essa relação. Desde 2016, os evangélicos votam entre 64% e 68% a favor do candidato concorrente ao PT/esquerda (Dória, Covas e Nunes). Em São Paulo, a rejeição maior ao candidato do PT ocorreu nos dois segmentos da sociedade. No entanto, os evangélicos ainda possuem uma maior resistência ao voto no PT em comparação ao restante da sociedade.

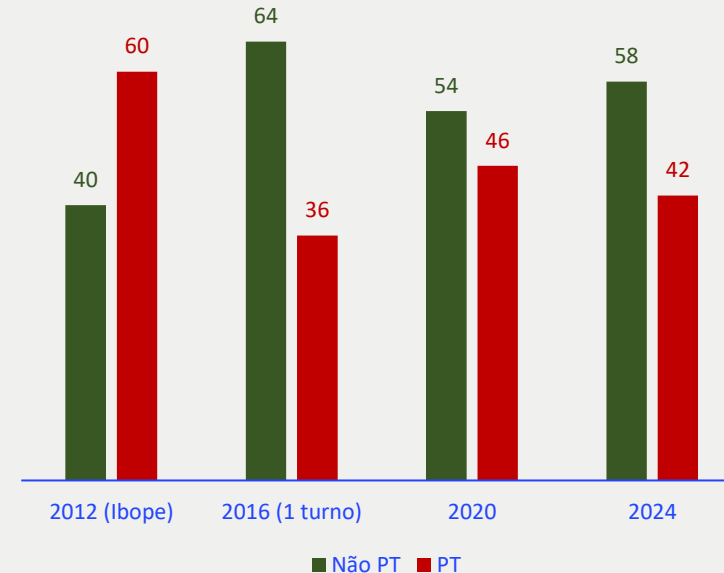
Intenção de votos à véspera da eleição para prefeito de SP - não evangélicos (%)



Intenção de votos à véspera da eleição para prefeito de SP - evangélicos (%)



Intenção de votos à véspera da eleição para prefeito de SP - total (%)

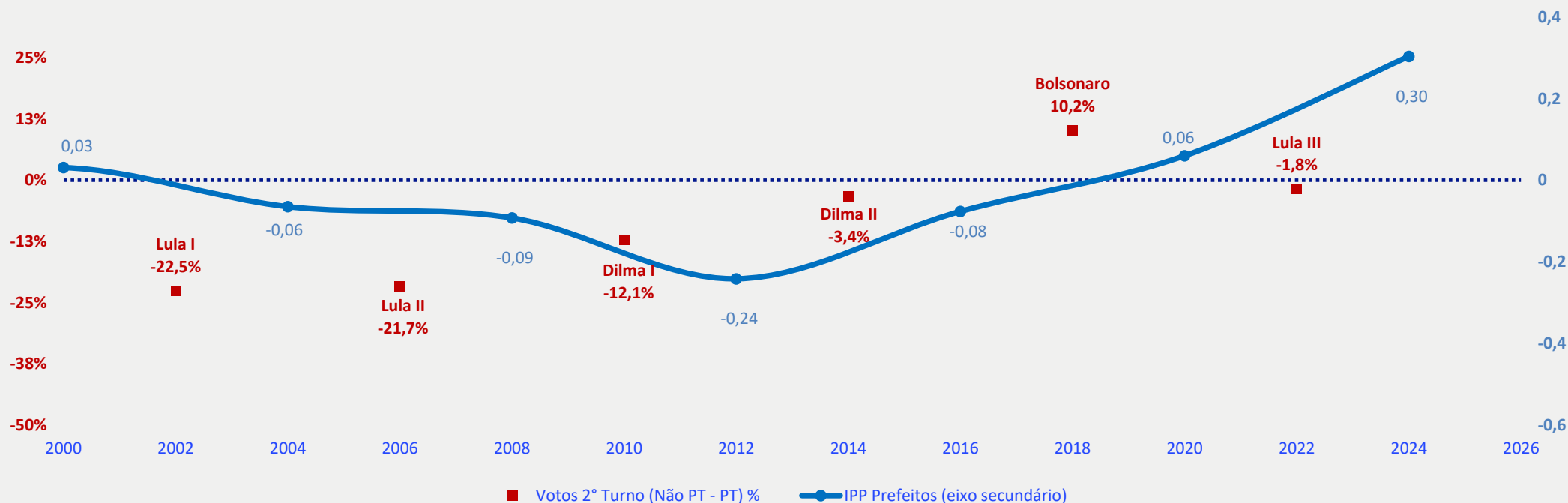


Fonte: Datafolha, Ibope, Mar Asset Management

Eleição municipal é relacionada com a presidencial

- Uma afirmação usual entre analistas políticos é que o resultado das eleições municipais é totalmente dissociado das eleições presidenciais. Enquanto o voto nas eleições municipais está mais relacionado a questões locais, o voto para presidente seria bastante personalista. Nós discordamos dessa visão, pelo menos à luz da mudança observada na última década.

IPP eleições municipais e votos no PT nas eleições presidenciais no segundo turno (%)



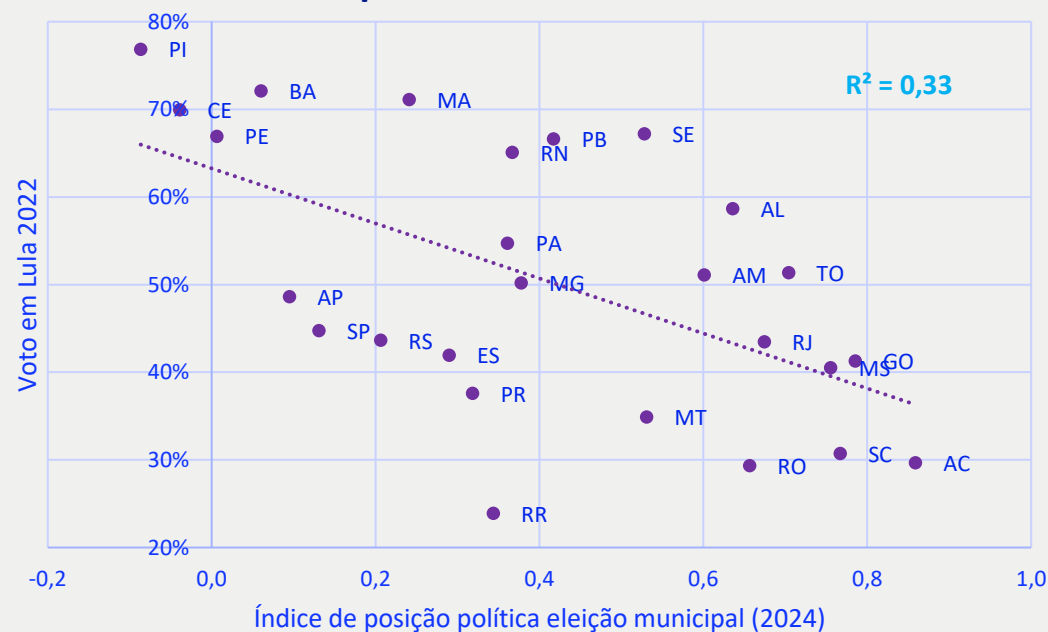
Fonte: TSE, Mar Asset Management

Relação entre IPP e voto para presidente por estado

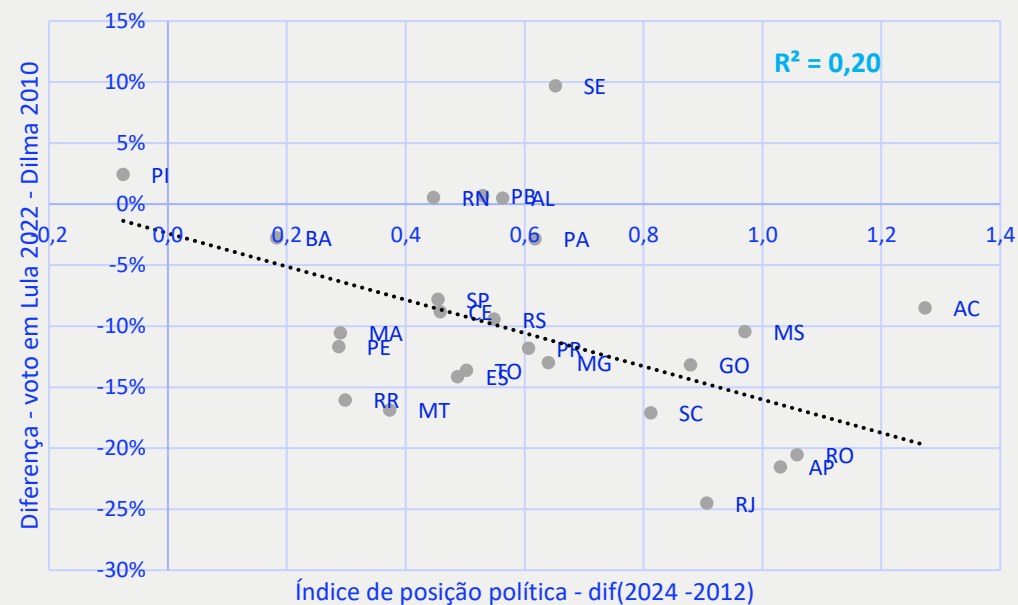
A análise por região corrobora a relação entre o resultado das eleições municipais e presidenciais, tanto em nível quanto em diferença:

- (i) os estados que têm uma posição política mais à direita nas eleições de 2024 tenderam a ter uma votação menor em Lula nas eleições de 2022 [*relação em nível*],
- (ii) os estados que mais mudaram a sua posição à direita na última década nas eleições municipais (2024 vs. 2012) foram aqueles que, em geral, reduziram mais os votos no PT nas eleições presidenciais (2022 vs. 2010) [*relação em diferença*].

Índice de posição política e voto em Lula na eleição presidencial de 2022



Mudança de posição política entre 2012-24 vs. mudança de voto no PT entre 2010-2022

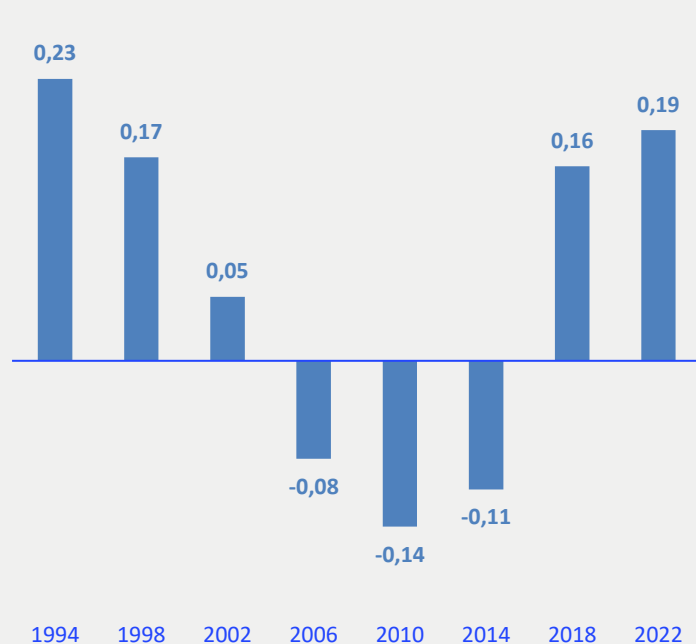


Fonte: TSE, Mar Asset Management

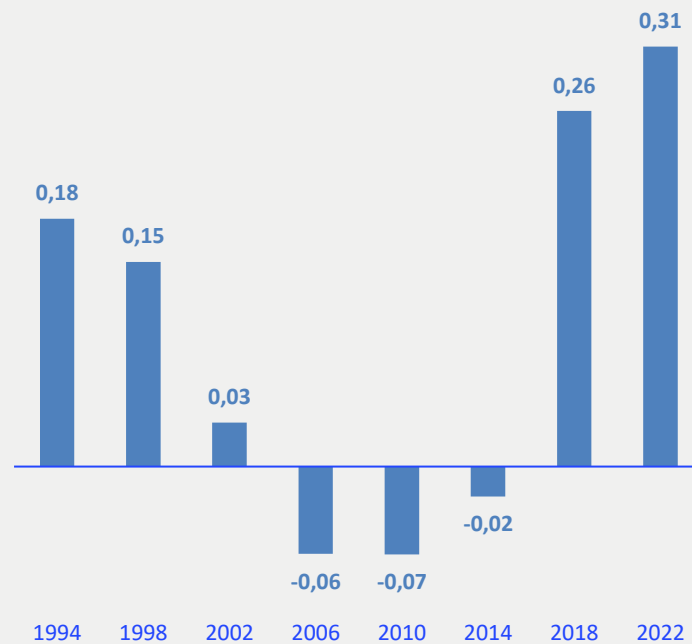
O movimento à direita ocorreu também para outros cargos

- O movimento do voto rumo a partidos mais à direita foi observado também nas eleições para outros cargos. Replicando o exercício anterior para as eleições de deputado estadual e federal, governador, senador e vereador, identificamos movimentos muito similares. Isso sugere uma robustez bastante relevante da tendência observada nas eleições municipais.

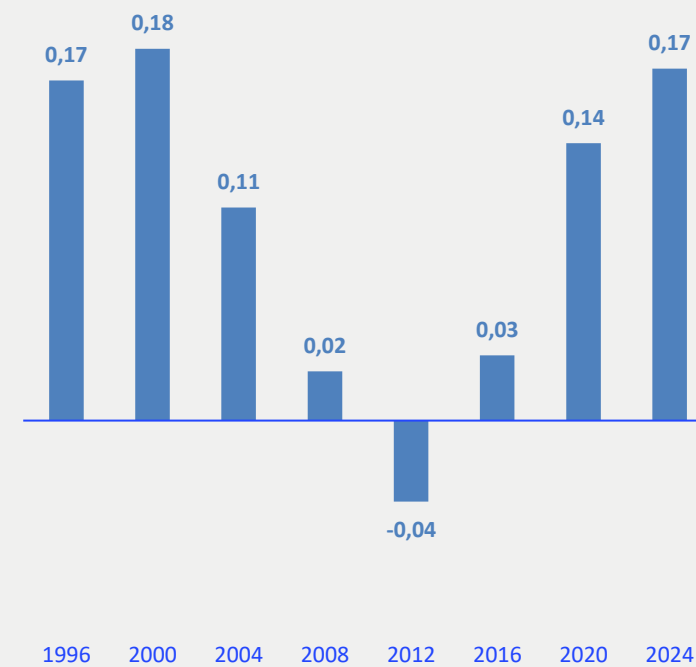
Índice de Posição Política dos votos de primeiro turno – Deputado estadual



Índice de Posição Política dos votos de primeiro turno – Deputado Federal



Índice de Posição Política dos votos de primeiro turno – Vereador

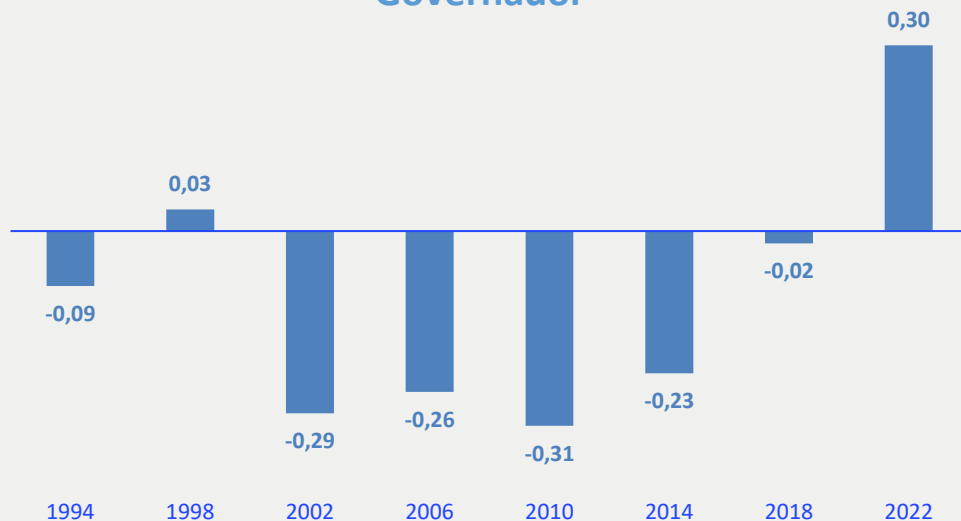


Fonte: TSE, Mar Asset Management

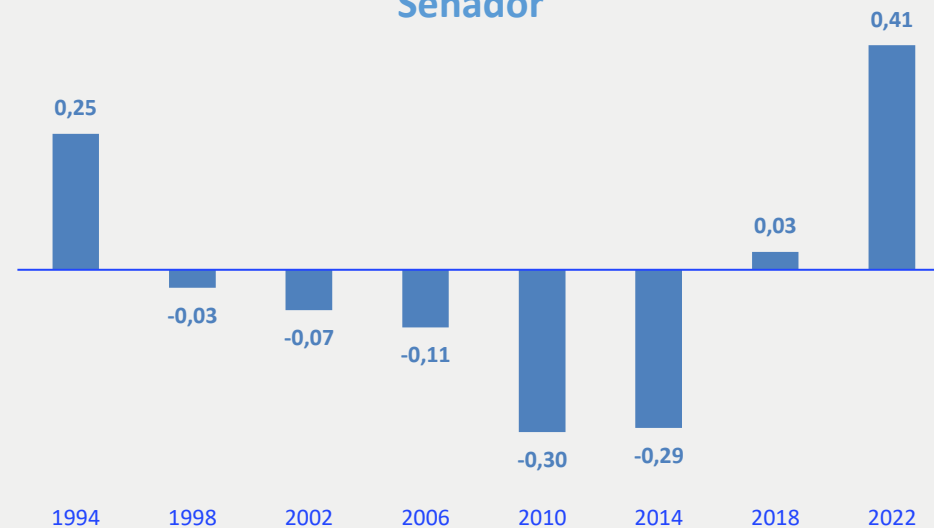
O movimento à direita ocorreu também para outros cargos

- O argumento de que as eleições municipais seriam diferentes das demais por não serem personalistas não parece se sustentar. Mesmo em cargos majoritários, como governador e senador, que tendem a envolver um maior grau de personalismo, os dados mostram que o movimento de deslocamento dos votos para partidos à direita é consistente em todas as esferas.
- Em conclusão: o eleitorado se posicionou mais à direita nas eleições para todos os cargos. A última observação desse fenômeno ocorreu agora nas eleições municipais. É difícil dissociar esse padrão tão robusto da perspectiva da eleição presidencial. Está cada vez mais difícil para um candidato de esquerda se tornar presidente.

Índice de Posição Política dos votos de primeiro turno – Governador



Índice de Posição Política dos votos de primeiro turno – Senador



Fonte: TSE, Mar Asset Management

Robustez da relação entre evangélicos e movimento à direita

- Para termos mais robustez nas nossas conclusões, aprofundamos o estudo sobre a relação entre a predominância da população evangélica e a migração do voto à direita utilizando nossa base de dados mais detalhada.
- A estratégia para testar essa relação consiste em estimar a sensibilidade do IPP que construímos em relação à quantidade de templos per capita em cada estado/município. A estratégia é semelhante àquela implementada na projeção da proporção de evangélicos, porém a variável a ser explicada é o Índice de Posição Política (IPP_{mt}^c) na eleição do ano t , para os diferentes cargos eletivos c :

$$IPP_{mt}^c = \phi_m + \delta_t + \beta \times \text{Templos per Cap}_{mt} + \varepsilon_{mt}$$

- O parâmetro β a ser estimado nos dará a sensibilidade do IPP ao número de templos per capita. Ou seja, o quanto o IPP aumenta (movimento à direita) caso o estado/município aumente em uma unidade o número de templos por 100 mil habitantes.
- O teste estatístico controla para efeitos fixos de eleição e de estado/município. Dessa maneira, somos capazes de estimar o efeito de um templo marginal no padrão de votação. Novamente, não estamos estimando apenas uma correlação espúria entre conservadorismo e número de templos religiosos, mas sim o impacto do aumento de templos na propensão daquele estado/município votar mais à direita.
- Utilizamos dados de resultados das eleições para todos os cargos efetivos entre 1996-2024 e nossa base de templos per capita. Os resultados que apresentaremos no slide seguinte foram obtidos quando utilizamos dados em nível estadual. No entanto, são qualitativamente iguais quando fazemos o mesmo exercício em nível municipal.

Impacto da expansão dos evangélicos sobre votos à direita

	IPP Prefeito (1)	IPP Vereador (2)	IPP Senador (3)	IPP Governador (4)	IPP Dep. Federal (5)	IPP Dep. Estadual (6)
Templos per 100k/hab	0.005*** (0.000)	0.002*** (0.000)	0.008*** (0.000)	0.002*** (0.000)	0.001*** (0.000)	0.004*** (0.000)
R ²	0.45	0.52	0.62	0.67	0.63	0.56
Observations	27,818	27,776	22,275	22,275	22,275	22,275
Município F.E	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Ano F.E	✓	✓	✓	✓	✓	✓

Níveis de significância estatística: * 10%, ** 5%, e *** 1%

- A tabela acima apresenta os resultados dos parâmetros β s estimados para as eleições de todos os cargos eletivos. Todos os coeficientes estimados são positivos e estatisticamente significativos, indicando que existe uma relação entre a presença de templos evangélicos e o voto mais à direita, tanto para cargos do executivo quanto do legislativo. As maiores magnitudes foram observadas nos votos para senador, prefeito e deputado estadual.
- Considerando que o número de templos por 100 mil habitantes no Brasil aumentou de 40,5 em 2012 para 65,5 em 2024, o efeito médio estimado no IPP de prefeitos foi de +0,13 (= 0,005 × 25). Neste mesmo período, o crescimento do IPP de fato observado foi de 0,54. Ou seja, um quarto do movimento à direita observado nos IPPs é inteiramente explicado apenas pelo aumento dos templos evangélicos neste período.
- A mesma análise para as eleições nacionais entre 2010 e 2022 mostra um resultado semelhante.

Robustez da relação entre eleição municipal e presidencial

- Após verificarmos a robustez da relação entre evangélicos e voto à direita, partimos para a segunda pergunta: O movimento à direita nas eleições municipais tem alguma implicação no resultado da eleição presidencial seguinte?
- Para respondermos essa pergunta, utilizamos um painel no qual estimamos o efeito do IPP observado dos votos na eleição municipal (IPP_{mt-2}^{pref}) sobre o resultado da eleição nacional subsequente (IPP_{st}^c). Utilizando dados agregados no nível estadual das eleições entre 1996 e 2022, estimamos o seguinte modelo:

$$IPP_{st}^c = \mu_s + \delta_t + \theta_c \times IPP_{st-2}^{pref} + \varepsilon_{st}$$

- No modelo, controlamos novamente para efeitos fixos por estado (μ_s) e eleição (δ_t). O parâmetro θ_c representa a sensibilidade do resultado da eleição nacional a um aumento do IPP da eleição para prefeitos. Por exemplo, no caso da eleição para presidente, esse parâmetro nos fornece uma estimativa de quanto a votação no PT diminui em função do quão à direita foi o resultado da eleição municipal dois anos antes.

Eleição municipal e presidencial são relacionadas

	% Votos PT 2º Turno (1)	IPP Dep. Federal (2)	IPP Dep. Estadual (3)	IPP Governador (4)	IPP Senador (5)
IPP_{t-2}^{Pref}	-0.120*** (0.037)	0.156*** (0.055)	0.146* (0.080)	0.174 (0.164)	0.202 (0.122)
R ²	0.72	0.72	0.63	0.47	0.45
Obs.	156	178	178	178	178
Ano F.E.	✓	✓	✓	✓	✓
Estado F.E.	✓	✓	✓	✓	✓

Níveis de significância estatística: * 10%, ** 5%, e *** 1%

- A coluna (1) apresenta a relação estimada entre o posicionamento político dos votos na eleição municipal e o resultado da eleição presidencial seguinte. Como esperado, a relação foi negativa e estatisticamente significativa. Ou seja, podemos refutar a tese consensual de que não há relação entre o resultado das eleições municipais e federais. Além disso, a relação é quantitativamente relevante: para cada 1,0 ponto adicional no IPP das eleições municipais, o PT recebe -12 p.p. de votos no segundo turno da eleição presidencial.
- O IPP das eleições municipais aumentou em 0,24 entre 2020 e 2024. Assim, nossas estimativas implicariam em uma redução de votos do PT no 2º turno em relação a 2022 de $0,24 \times (-12\%) = -2,9\%$, o que não seria compatível com a reeleição de Lula em 2026 tudo o mais constante.
- Essa magnitude é muito semelhante ao que encontramos ao realizar o exercício utilizando o impacto do crescimento da população evangélica sobre o resultado da eleição de 2026 (Slide 55). Ou seja, os dois exercícios, feitos de forma independente, mostram resultados quantitativamente similares para a eleição presidencial de 2026 e sugerem que o Congresso se tornará ainda mais à direita.



mar asset
management

Relação com Investidores:

Igor Galvão

55 21 99462 3359

igalvao@marasset.com.br

rio de janeiro – rj • av. ataulfo de paiva 1165/801, leblon • 22440 034

marasset.com.br